

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIA HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

NICOLE SANTOS NASCIMENTO

Policiais Youtubers no Estado de São Paulo:
a cultura policial nas mídias sociais e as políticas de segurança pública

Guarulhos

2023

NICOLE SANTOS NASCIMENTO

Policiais Youtubers no Estado de São Paulo:

a cultura policial nas mídias sociais e as políticas de segurança pública

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como requisito
parcial para obtenção do grau em Licenciatura em
Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Liana de Paula
Coorientador: Prof. Dr. Acácio Augusto Sebastião

Guarulhos

2023

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais no 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita deste trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Nascimento Santos, Nicole.

Policiais Youtubers no Estado de São Paulo: a cultura policial nas mídias sociais e as políticas de segurança pública./Nicole Santos Nascimento.– Guarulhos, 2023.

68 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Liana de Paula
Coorientador: Prof. Dr. Acácio Augusto Sebastião

Título em inglês: **Youtuber police officers in the State of São Paulo**: police culture in social media and public security policies.

1. Policiais. 2. Segurança Pública. 3. Policiais Youtubers. 4. Policiais. 5. Direitos Humanos.

NICOLE SANTOS NASCIMENTO

Policiais Youtubers no Estado de São Paulo:

a cultura policial nas mídias sociais e as políticas de segurança pública

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como requisito
parcial para obtenção do grau em Licenciatura em
Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Liana de Paula
Coorientador: Prof. Dr. Acácio Augusto Sebastião

Aprovação: _____/_____/_____

Profa. Dra. Liana de Paula
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Acácio Augusto Sebastião
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Henrique Zoqui Martins Parra
Universidade Federal de São Paulo

Guarulhos
2023

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho às minhas tias, Janete Santos Nascimento e Marineide Regina Santos Sousa. Por terem me apresentado a educação como uma ferramenta de transformação. A trajetória de vocês faz parte do caminho que percorri e dos sonhos que ainda não realizei, sei que olham por mim de onde estão.
Eternamente em memória.*

AGRADECIMENTOS

Neste momento preencho este papel em branco com os nomes daqueles que contribuíram de alguma forma e foram imensamente importantes para que eu pudesse concluir essa etapa que parecia uma tarefa impossível.

Agradeço aos meus pais por terem trabalhado tanto em nome de um futuro melhor para seus filhos. Eu não seria metade do que sou sem vocês. Ao meu pai Carlos Antonio Santos Nascimento, agradeço por todas as noites que o senhor passou sem dormir na tentativa de uma vida melhor para nós, por me ensinar com seu humor a levar a vida de um jeito mais leve e por escolher estar ao meu lado com suporte moral e material todas as vezes que precisei. A minha mãe Zenilda Maria dos Santos, agradeço por sua força e coragem de todas as manhãs. A senhora nunca descreditou dos meus sonhos e sempre priorizou os meus estudos, mesmo que isso te custasse dias de descanso a menos. Você é a luz da minha vida e minha maior motivação. Tudo o que eu faço é fruto do amor, apoio, dedicação e condições materiais que vocês proporcionaram a mim.

Agradeço ao meu irmão mais novo Nicolas Santos Nascimento pela parceria dessa e de outras vidas, você me faz lembrar que o mundo é muito mais do que a rotina proporciona e que ainda tenho muitas experiências para vivenciar. Que meus passos te inspirem de alguma forma, pois acompanhar o seu crescimento me enche de orgulho e me inspira a ser melhor.

Agradeço a minha família por alimentarem um orgulho constante que por muitas vezes nem eu mesmo acreditei. A Rita Maria dos Santos, Thaisa Sousa Bastos, Nailma Santos de Jesus e Isneide Sousa Albuquerque obrigada por representarem ativamente um pouco desse orgulho que cada um sente, o cuidado de vocês para comigo foi essencial para a finalização desse processo.

Agradeço aos meus melhores amigos(as) Ana Júlia Santos, Caio Pinheiro e Marlon Cirqueira que apesar de estarem a quilômetros de distância sempre me compreenderam como ninguém e compartilharam comigo a loucura que manter a vida acadêmica. Vocês representam a minha origem e me fazem lembrar quem eu sou.

Agradeço aos meus amigos(as) e companheiro(as) de turma, os maiores presentes que a EFLCH poderia me dar. Fernanda Melo, Larissa Reis, Dandara Amaral, João Vitor Ribeiro, Elisa Bicudo, Dirlenne Ponciano, Adailton Soares, Aline Alves etc., obrigada pela cumplicidade. Vocês tornaram aquele espaço melhor em todos os aspectos. Só entendi o meu lugar na universidade quando nós nos encontramos. Todas as conversas, intervalos, encontros no bandeirão, gargalhadas e lágrimas que vivenciamos só fazem sentido pelo nosso carinho e união.

Agradeço ao meu companheiro Alvaro Moreira Lima. Palavras não são o suficiente para descrever a sua importância nesse processo. Você é uma grande parceria dessa vida, obrigada pela persistência, pela escuta ativa, pelo amor e por me encorajar todas as vezes a nunca desistir dos meus sonhos.

Agradeço aos meus orientadores Prof^a. Dr^a. Liana de Paula e Prof. Dr. Acácio Augusto Sebastião pela disponibilidade, paciência, compreensão e discernimento durante este caminho tortuoso que é o Trabalho de Conclusão de Curso. Obrigada por terem acreditado em meu projeto e terem me incentivado até o final desse desafio.

Agradeço ao CNPq pelo financiamento a minha pesquisa de Iniciação Científica que resultou neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Por fim, gostaria de dizer que existem inúmeras pessoas que merecem serem citadas aqui, pois de alguma forma me ofereceram acolhimento, apoio e incentivo de tantas maneiras possíveis. Vocês serão lembradas em minha mente e coração durante toda a vida.

Muito Obrigada!

RESUMO

NASCIMENTO, Nicole Santos. *Policiais Youtubers no Estado de São Paulo: a cultura policial nas mídias sociais e as políticas de segurança pública*. 2023. 68f – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2023.

Este trabalho apresenta resultados da minha pesquisa sobre a popularidade e o engajamento de conteúdos produzidos por policiais militares e civis do Estado de São Paulo nas redes sociais digitais. O principal objetivo foi compreender e analisar como temas de segurança pública são pautados pelos policiais *youtubers* por meio de um discurso que visa a aproximação com o público e contribuem para a fomentação da cultura do medo e do controle. Após sistematizar os conteúdos compartilhados na plataforma social digital *Youtube*, analisei as construções de imagens e narrativas que afetam o público emocionalmente tendo como referencial analítico Michel Foucault. A investigação buscou mapear, através de dois perfis selecionados para estudo de caso, as relações externas que se formaram a partir das redes com as empresas de financiamento, as instituições de segurança pública e a plataforma digital *Youtube*. Esta pesquisa também pretendeu identificar a prática comum de policiais presentes na política e como a propagação de convicções sobre segurança nessas produções impulsionam os agentes de segurança pública à cargos institucionais e filiações a partidos.

Palavras - chave: Policiais; Segurança Pública; Policiais Youtubers; Policiais Influencers; Direitos Humanos.

ABSTRACT

This paper presents the results of my research on the popularity and engagement of content produced by military and civilian policemen of the State of São Paulo on digital social networks. The main objective was to understand and analyze how themes of public security are presented by police *youtubers* through a discourse that aims to approach the public and contribute to the promotion of the culture of fear and control. After systematizing the content shared on the digital social platform *Youtube*, I analyzed the constructions of images and narratives that affect the public emotionally, using as analytical reference Michel Foucault. The research sought to map through two profiles selected for case study, the external relations that were formed from the networks with funding companies, public safety institutions and the digital platform *Youtube*. This research also intended to identify the common practice of police officers present in politics and how the propagation of convictions about security in these productions propel public security agents to institutional positions and party affiliations.

Keywords: Police Officers; Public Security; Police Youtubers; Police Influencers; Human Rights.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. POLICIAIS <i>YOUTUBERS</i> E ANÁLISE DISCURSIVA FOUCAULTIANA.....	13
3. POLÍCIA COMO TECNOLOGIA DE GOVERNO.....	15
4. A ATUAÇÃO DOS AGENTES NAS REDES E OS TEMAS DE SEGURANÇA PÚBLICA.....	19
5. DISCURSO DO POPULISMO PENAL E CULTURA DO CONTROLE.....	23
6. CANAIS POLICIAIS NO <i>YOUTUBE</i> E PERFIS PARA ESTUDO DE CASO	36
- PERFIL I: DELEGADO DA CUNHA.....	43
- PERFIL II: CAPITÃO DERRITE.....	47
7. POLICIAIS <i>YOUTUBERS</i> : DELEGADO DA CUNHA X CAPITÃO DERRITE	49
- CARREIRA CIVIL E MILITAR.....	49
- DISCURSOS DIRETOS E INDIRETOS.....	50
- POSICIONAMENTO POLÍTICO	52
- ENGAJAMENTO NAS REDES.....	53
- RECURSOS DISCURSIVOS MOBILIZADOS.....	54
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	59
10. ANEXO I.....	60
11. ANEXO II.....	61

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa compreender a popularidade e o engajamento de conteúdos produzidos por policiais militares e civis do Estado de São Paulo nas redes sociais digitais. O principal objetivo é analisar como temas de segurança pública são pautados pelos policiais *youtubers* por meio de um discurso que visa a aproximação com o público e a disseminação da cultura policial.

No século em que o acesso às redes sociais é uma realidade que marca o avanço tecnológico na área da comunicação, atribuindo milhões de interações *online* a fortes engajamentos bilionários, os perfis públicos de agentes de segurança estão ganhando espaço no mundo virtual.

Canais policiais criados em plataformas de vídeo, como o *Youtube*, compõem uma linha de produção de conteúdo com um formato já consumido pela população brasileira. As principais produções visam compartilhar o cotidiano dos policiais em operações, como já é feito em programas de TV aberta. Porém, os vídeos não se resumem a isso, pois, além das operações os policiais, também trazem análises de clipe musical dos gêneros *funk* e *rap*, programas de *podcasts* e discussões de temas específicos da segurança pública ou de crimes diários que ocorreram na semana.

A pesquisa buscou compreender como se dá a produção discursiva de *policiais youtubers* nas redes sociais por meio da produção desses vídeos. Para isso, propôs investigar a *internet* como mais um espaço de propagação sobre temas que envolvem a segurança pública e, em seguida, analisar como a construção pessoal dos perfis de policiais cativa o público e consolida um consenso sobre as relações que envolvem o trabalho de agentes de segurança e a população.

A população está acostumada visualmente com os recursos utilizados nas produções de vídeos, que são consumidos em programas policiaiscos da televisão brasileira há décadas. Porém, a linguagem de aproximação pela *internet* ocorre de forma mais direta. Sendo assim, não é mais necessário um "comunicador" de terno e gravata, com um programa diário em uma emissora de televisão para defender os agentes de segurança e crucificar os bandidos.

Os próprios policiais, por meio de seus perfis, filmam, editam, postam o seu cotidiano e naturalizam violências contra populações e espaços específicos. Agora, eles gerenciam o seu próprio veículo de informação com uma linguagem mais pessoal e direta. Os agentes de segurança compartilham com os seus seguidores cenas do cotidiano como uma espécie de *reality show* do serviço policial, somando isso a conteúdos extras.

Para este estudo, foram selecionadas duas obras de Michel Foucault¹, utilizadas como referencial analítico de método no processo de análise dos vídeos produzidos pelos canais policiais. Ressalta-se que este estudo se dedica a investigar como a propagação de pautas sobre segurança nessas produções tem implicações na relação da população com a atividade policial em seu cotidiano e impulsiona os agentes de segurança a cargos institucionais e filiações a partidos.

A rede social escolhida para levantamento dos materiais audiovisuais foi a plataforma de compartilhamento de vídeos *Youtube*², pois esta é a rede social que os policiais mais alimentam e alcançam altos engajamentos. De acordo com Lima, “o Estado de São Paulo é o local onde foram mais iniciados canais policiais.” (LIMA, 2022, p.22), sendo também o Estado onde se localiza a maior parte dos perfis que conseguem ultrapassar a margem de 500.000 inscritos³. Diante dessa informação, selecionei dois perfis de policiais *youtubers* do Estado para estudo de caso. Através dessa coleta específica e a partir da amostra de conteúdos de dois canais diferentes, pude atribuir discussões que afetam o parâmetro geral do universo dos canais dessa categoria no Estado de São Paulo. O delegado da Cunha e o capitão Derrite foram escolhidos, pois são dois agentes de segurança pública que servem de objeto para estudo da intersecção entre produções de mídia em redes sociais e carreira política. Além disso, o perfil do delegado da Cunha foi selecionado por ser o maior perfil policial no Brasil em relação a números, enquanto o canal do capitão Derrite foi escolhido porque possui grande conhecimento corporativo e reconhecimento popular por ter participado de alguns episódios do canal Polícia 24 horas⁴. Os dois perfis possuem características que os diferenciam, tais como, carreiras civil e militar, escolha de discursos, posicionamento político, relação com a corporação e engajamento nas redes. Estes são pontos que fornecem material para comparação e descrição dos diferentes perfis dessa categoria.

¹ São eles: FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Tradução Laura Fraga de Alemida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996 e FOUCAULT, Michel. (1994e) Omnes et singulatim: por uma crítica da „razão política“. Tradução: Heloísa Jahn. Novos Estudos CEBRAP, 26, março de 1990, p.77-99.

² *YouTube* é uma plataforma de vídeos online. Por meio dela, usuários podem assistir, criar e compartilhar vídeos pela internet.

³ Segundo Lima (2022), “o Estado de São Paulo é o local onde foram iniciados mais canais policiais (66), seguido de Alagoas (10), Paraná (9), Rio Grande do Sul (7) e Espírito Santo (7). Nota-se que a quantidade de canais criados por cada Estado não guarda relação com o tamanho do seu respectivo contingente policial”. (LIMA, 2022, p.22) Portanto, este fato é importante para compreender a quantidade de canais presentes no Estado de São Paulo.

⁴ Programa dedicado a transmitir pelo canal de comunicação Rede Bandeirantes operações da Polícia Militar da cidade de São Paulo.

A primeira etapa de busca deste trabalho consistiu no levantamento bibliográfico científico de Universidades da cidade de São Paulo ⁵, matérias dos principais veículos paulistas de informação⁶, dados e descrições das redes sociais digitais do delegado da Cunha e do capitão Derrite. Em específico, para esta análise, foi feita a seleção de vídeos em destaque dos canais dos agentes no *Youtube*. Desta maneira, foram selecionados vídeos do canal do delegado da Cunha e do canal do capitão Derrite de no mínimo dois e no máximo 90 minutos. As escolhas ocorreram de acordo com os seguintes critérios: quantidade de acessos e abordagem temática. A partir da metodologia de análise discursiva foucaultiana, foram analisados os vídeos e os discursos produzidos pelos policiais *youtubers* para compreender como o discurso dos agentes se organiza, se reproduz e quais são os seus principais objetivos.

POLICIAIS YOUTUBERS E ANÁLISE DISCURSIVA FOUCAULTIANA

Tomei como referência metodológica *A ordem do discurso*, de Michel Foucault (2009). A obra de Foucault se encontra em compatibilidade com a pesquisa, pois a sua principal preocupação está em compreender como o discurso se constrói na realidade a partir da função do controle, da limitação e validação das regras de poder:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2009, p.8)

Para o autor, o discurso representa um espaço de disputa, “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos apoderar” (FOUCAULT, 2009, p.10). Portanto, para análise aqui proposta, buscava-se a compreensão de quais polos estão disputando a narrativa sobre o cotidiano da violência e do medo urbano no Estado de São Paulo.

Foucault (2009) também propõe descrever os processos de controle do discurso, investigando quais as condições necessárias para compreender de forma crítica sua organização em limites de controles internos e externos. O autor nos apresenta três tipos de procedimentos externos: interdição, separação e vontade de verdade. Na interdição, a observação se volta às falas que só podem ser ditas em determinados contextos sociais; então, temas encarados na sociedade como tabus, por exemplo, inibem o indivíduo social por um

⁵ Universidade São Paulo, Universidade Federal de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade de Campinas.

⁶ Folha SP, Estadão SP, G1 Globo e Org Ponte Jornalismo.

constrangimento exterior pré-determinado socialmente, em que se escolhe momentos para falas específicas. Nesses momentos em que há escolha do que se deve ou não falar, se estabelece um espaço no qual as relações de poder vão se constituindo de acordo com o contexto do que se pode ou não debater. Ao expor o procedimento de separação, o autor usa, como exemplo, a dicotomia entre razão e loucura para ilustrar a lógica dentro do discurso de quem possui ou não o direito de fala legitimado. A legitimidade citada aqui se refere a “toda rede de instituições que permite a alguém” (FOUCAULT, 2009, p.12) ter propriedade de fala sobre assuntos específicos, como, por exemplo, os policiais e seus discursos sobre pautas da segurança pública. O procedimento de vontade da verdade entra para complementar a ideia da separação e por quem ela é legitimada. Nesse caso, Foucault cita, como exemplo, as instituições e a sua busca por uma verdade absoluta aceita por determinada sociedade. O discurso propagado sobre a segurança pública como polo da verdade absoluta é legitimado por aparatos institucionais e reforçada “mais profundamente, sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (FOUCAULT, 2009, p.17).

Além disso, o autor descreve mecanismos internos de autocontrole do discurso “a título de princípios de classificação, ordenação e distribuição” (FOUCAULT, 2009, p.21). Um dos procedimentos é nomeado por Foucault de comentário, no qual parte do discurso já existe e se repete em formas e contextos diferentes, são “conjuntos ritualizados de discursos que se narram” (FOUCAULT, 2009, p.22). Mesmo que os comentários, em sua superficialidade, apresentem-se como novo, eles ainda são dependentes de seus textos de origens em suas reproduções. Este processo ritualizado elucida a linha de raciocínio para análise crítica pensada para os vídeos dos policiais, pois, segundo Foucault, o ritual “define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso” (FOUCAULT, 2009, p.39). Os vídeos produzidos compõem o conjunto de signos do universo policialesco e da cultura do medo, abordado de uma forma que não causa estranhamento no público, pois o processo ritualizado se reforça por meio da repetição de discursos já validados por aquela sociedade.

O universo da cultura policial tem se tornado presente em produções que alimentam o mercado do entretenimento, “se podemos dizer que um personagem ficcional tem dominado a cultura popular atual, esse personagem é o policial” (Bey, 1989, p.1). No caso dos *policiais youtubers*, “o herói” não se configura apenas como um personagem midiático ele se constrói como um dado da realidade, além de ser um título reivindicado por esses agentes. O enredo construído nas produções midiáticas é de “policiais poderosos – protegendo os manos e

humildes – à custa de mais ou menos meia dúzia de artigos da declaração dos Direitos Civis” (Bey, 1989. p.1). O personagem principal é sempre o herói policial, responsável por proteger as vítimas e combater os criminosos em nome da segurança representada pela ordem e controle. É necessário se atentar para o fato de que “a polícia é mais que uma instituição, ela é, antes, uma tecnologia de governo que possui uma história vinculada à formação do Estado moderno e aos meios de cuidado e controle da população” (Augusto, 2021, IDMJR). Enquanto a cultura policial nos fornece arquétipos de policiais bons e maus que orientam as críticas e expectativas aos sujeitos e seus abusos, a polícia, como “um conjunto de práticas e tecnologias de cuidado, controle e repressão da população” (Augusto, 2021, IDMJR), continua promovendo sua função de manter a ordem do Estado e direcionar a violência a todo indivíduo que representa a desordem.

Em perspectiva da análise discursiva, a pesquisa buscou compreender como discursos com o objetivo de fabricar o pânico coletivo e reproduzir a cultura policial mobilizam o apoio popular, enquanto reforçam políticas de controle violentas. Por fim, além do que foi dito acima, a obra de Foucault nos oferece materiais específicos como princípios reguladores fundamentais e os principais métodos para a análise discursiva, contribuindo para a reflexão sobre a relação de poder e controle na construção dos discursos que serão apurados.

POLÍCIA COMO TECNOLOGIA DE GOVERNO

O sentido da polícia neste estudo não se resume à ação da polícia como força repressiva, o que nos interessa para a análise do objeto é a polícia como tecnologia de governo. A polícia como tecnologia é responsável pelo ordenamento interno do cotidiano dos indivíduos, “trata-se de um outro desdobramento da busca por segurança, que expande a polícia para além de suas funções repressivas” (Augusto, 2009, p.26), pois, historicamente, ela surge na sociedade como um modo de governar que em a vida da população passa a ser objeto central de cuidado e controle.

Em *Omnes et singulatim: Por uma crítica da “razão política”*, Michel Foucault (1981) debate sobre a racionalização do Estado de acordo com alguns períodos históricos. Segundo o autor, os indivíduos da modernidade ocidental buscam compreender a razão ou a ausência dela em suas relações, estruturas políticas e organizações sociais. Para Foucault o caminho para compreender a relação da racionalização com o poder seria por meio das seguintes indagações: como a racionalização funciona em diferentes campos; e qual tipo de racionalização é exercida na cultura moderna.

Foucault (1981) busca entender como se deu a evolução do poder centralizador dos Estados europeus voltados para técnicas de poder destinadas à forma de controle dos indivíduos de modo contínuo. O autor nos introduz nessa discussão pela origem da modalidade pastoral de poder na história antiga, no papel do pastor responsável e seguido por um rebanho presente nos textos das sociedades do Egito, da Assíria e da Judéia. A figura do Faraó representava o modelo do poder pastoral, que se dividia entre um líder divino e terreno, pela associação natural entre Deus e Rei.

De acordo com o autor, “coube aos hebreus desenvolver e intensificar o tema pastoral” (FOUCAULT, 1981, p.79), de forma singular como um Deus único, individualizador e responsável por guiar o povo e atender às suas demandas. As demandas citadas por Foucault direcionam-se ao gerenciamento dos indivíduos. Entre elas, estão: exercer poder sobre o um povo, guiá-los nas resoluções de conflitos até um estado de harmonia, a devoção do pastor por cada componente do seu rebanho e a garanti-los à salvação; esses são nomeados pelo autor de temas típicos da tecnologia pastoral.

Segundo Foucault, a formação do Estado no sentido moderno da palavra representa um “tipo de organização política, e seus mecanismos, a saber, o tipo de racionalidade implementada no exercício do poder estatal” (FOUCAULT, 1981, p.89). O autor busca compreender qual o tipo de racionalidade específica que o Estado produz, tendo como base duas doutrinas: a razão do Estado e a teoria da polícia. A razão do Estado se resume aos princípios e métodos singulares de governo estatal comandar, enquanto a teoria da polícia se concentra nos objetivos que representam o governo e de que forma seus instrumentos se organizam.

O autor apresenta definições de Botero, Palazzo e Chemnitz sobre a razão do Estado, e examina quais as características que essas definições possuem em comum:

1- A razão do Estado se apresenta como uma técnica regulamentada por regras, baseada em costumes, tradições e conhecimento racional. Para Foucault, nos tempos modernos, a expressão possui um sentido inverso, pois “a expressão razão de Estado evoca o „arbitrário“ ou a „violência“” (FOUCAULT, 1981, p.90), diferente da concepção de uma época em que se tinha uma racionalidade específica para governar.

2- Os fundamentos lógicos dos governos dos séculos XVI e XVII são regidos por princípios que constituem um governo sólido, independente das leis da natureza, de maneira oposta à teoria fornecida por Tomás de Aquino, em que o fundamento lógico do governo se baseava em um modelo perfeito e celestial como o do Deus cristão.

3- Segundo Foucault, Maquiavel foi bastante criticado por sua obra *O Príncipe*, pois nesta ele tratava das relações de poder entre o príncipe e o Estado e em como era possível reforçar esse vínculo. O que Foucault sinaliza é que os teóricos, ao criticarem Maquiavel, não compreendiam que o problema tratado pelo filósofo era a racionalidade da arte de governar.

“O objetivo dessa arte de governar é exatamente não reforçar o poder que um príncipe pode exercer sobre seu domínio. Seu objetivo é reforçar o próprio Estado. Esse é um dos traços mais característicos de todas as definições fornecidas pelos séculos XVI e XVII”. (FOUCAULT, 1981, p.92).

4- Para que um governo aumente e mantenha o seu poderio, é necessário que ele tenha conhecimento das forças dos outros Estados no campo competitivo de disputa.

Tendo em vista toda discussão sobre a razão do Estado e suas principais características, Foucault se desloca para a segunda doutrina que integra a razão do Estado e a teoria da polícia como modelo de ordem pública para o funcionamento de uma sociedade. Em princípio, para Foucault, os autores do século XVII e XVIII não compreendem o termo polícia como instituição ou mecanismo do Estado e sim como uma tecnologia para governar que é específica do governo. O autor nos apresenta a proposta de um Estado policial de Turquet de Mayenne, em *Science and Rationalism in the Government of Louis XIV*, J. King, em que: “O rei é secundado por quatro altos funcionários. Um é responsável pela Justiça; outro, pelo exército; o terceiro, pelo Erário, ou seja, os impostos e rendimentos do rei; e o quarto, pela polícia” (FOUCAULT, 1981, p.93).

De acordo com o autor, a função da polícia, nesse contexto, era apenas moral, o quarto funcionário era responsável pelo controle da população em termos de modéstia, caridade, lealdade, diligência, cooperação e honestidade. Somente com o controle moral da população é que se tornava possível ter um bom governo. Ao se aprofundar nos detalhes do projeto, Turquet descreve a criação de conselhos que mantenham a ordem e a lei, encarregados de cuidar das pessoas e das coisas. O primeiro conselho era direcionado às pessoas em assuntos positivos como: educação, especialização de aptidões e registros em ocupações. O segundo conselho se incumbia de cuidar dos assuntos considerados negativos, como: os pobres, desempregados, enfermos, além dos acidentes que ocorriam no território.

Em relação aos últimos conselhos responsáveis pelas coisas, Turquet também os divide em dois; um dos conselhos controlava as produções de mercadoria e manufaturados, da forma que eram produzidos e como deveria ser a sua organização de mercado. Enquanto o quarto conselho cuidava dos territórios em relação à propriedade e questões de infraestrutura. Segundo Foucault, esse texto mostra que a polícia está responsável por todos os campos da vida humana; a polícia passa a considerar a vida do ser social no ato de governar, portanto a

população passa a ser objeto de controle e vigilância; além disso, a polícia se responsabiliza pela garantia de organização e poderio do Estado. Segundo Foucault, “Enquanto forma de intervenção racional exercendo o poder político sobre os homens, o papel da polícia é fornecer-lhes um pequeno suplemento de vida; ao fazê-lo, ela fornece ao Estado um pequeno suplemento de força”. (FOUCAULT, 1981, p.94).

Foucault continua sua investigação, comparando o conteúdo do *compendium* do autor francês Delamare com o manual alemão *Elements of Police*, de Von Justi. Delamare descreve, em seu compêndio, onze responsabilidades da polícia em um Estado: a religião; a moralidade; a saúde; o abastecimento; as estradas, ruas e edifícios públicos; a segurança pública, as artes liberais e ciências; o comércio; as fábricas; os empregados e trabalhadores e os pobres. Para o autor, a partir de agora, a polícia passa a representar um novo campo de intervenção do poder político e administrativo. Segundo Delamare, a polícia se responsabiliza pela felicidade dos homens, ela está presente na organização de todos os espaços que geram sensações prazerosas e de segurança aos seres individuais.

Em suma, como foi dito por Foucault, o objeto da polícia é a vida do ser humano,

“Em outras palavras, a polícia é a governamentalidade direta do soberano como soberano [...] a polícia se das ocupa coisas miúdas, enquanto as leis das coisas importantes. A polícia se ocupa permanentemente dos detalhes, e enfim ela só age pronta e imediatamente. Temos aí portanto, em relação a o funcionamento geral da justiça, uma certa especificidade da polícia”. (Foucault, 2008 *apud* Augusto, 2009, p.26).

Entre os manuais alemães, o mais importante para Foucault é o *Elements of police*, de Von Justi. Nesse, o principal objeto da polícia continua sendo a população, porém o autor consegue desenvolver o paradoxo central da polícia. De acordo com Justi, “A polícia, diz ele, é o que dá condições ao Estado de aumentar o seu poder e exercer o seu poderio em toda sua amplitude. Por outro lado, a polícia deve manter os cidadãos felizes - felicidade entendida no sentido de sobrevivência, vida e melhoria das condições de vida” (FOUCAULT, 1981, p.96).

Foucault diz que o objetivo da arte de governar moderna se resume nesse aspecto, “Desenvolver os elementos constitutivos das vidas dos indivíduos de modo a que seu desenvolvimento reforce ao mesmo tempo o desenvolvimento do poderio do Estado” (FOUCAULT, 1981, p.97). A racionalidade do Estado ocorre por meio da interferência do modo de organização individual de cada ser social para que, assim, ele consiga manter o seu poderio e amplificá-lo. A polícia não domina somente o lado da repressão, o seu envolvimento em ações voltadas para o bem-estar/cuidado dos indivíduos alimenta o poder de interferência do Estado na vida da população, que, por fim, passa a desejar essa presença. A

população passa a se tornar parte central da racionalidade do Estado, como um grupo de indivíduos que pertence a um território que não pode ser deixado de ser controlado.

Para pensar nesta configuração de tecnologia de governo nos tempos atuais, é importante considerar que,

“a polícia aparece como uma prática de governo, sendo, desta maneira, uma tecnologia de poder que pode apresentar procedências importantes de práticas que hoje não são diretamente caracterizadas como função policial, no entanto são análogas às praticadas pelas polícias dos séculos XVII e XVIII” (Augusto, 2009, p.80).

Muitas das funções atribuídas à polícia em determinadas épocas hoje podem receber “o nome de política social, o que nos leva a aproximar as diversas maneiras de investimentos estatais no que se chama, sob a dominância liberal, de política pública” (Augusto, 2009, p.80). Porém, essas políticas são acompanhadas de estratégias para que o patrulhamento oficial do Estado consiga se expandir, ocupando espaços da vida pessoal da população enquanto reforça a institucionalização de políticas pela “regulação moral da vida das famílias e suas condições materiais de existência e reprodução” (Augusto, 2009, p.80).

Para Foucault, a principal definição de poder está nas relações entre os indivíduos com configurações específicas. A racionalização é o fator central que determina essas relações, por suas formas específicas e dependentes de contextos econômicos, sociais e políticos. Segundo o autor, para aqueles que se rebelam contra o poder, é necessário questionar a tecnologia específica utilizada pelo Estado atual para que ele não volte a ser reproduzido novamente. Mesmo que ocorra uma mudança na tecnologia instaurada, isso não significa que ela dispense os mesmos mecanismos de controle utilizados em outros contextos.

“Contudo, afirmar que estamos sob novas práticas do exercício de poder não implica deduzir que, desde algumas décadas atrás até hoje, operou-se uma substituição das antigas técnicas disciplinares e biopolíticas do adestramento e controle dos corpos e das populações, para novas forças, que se não sabemos ainda caracterizá-la ou nomeá-las, são diferentes e substituem as antigas. Mesmo a passagem de uma sociedade de soberania para uma sociedade disciplinar, segundo os estudos históricos políticos de Foucault (2002b), articulam muito mais um acoplamento de práticas discursivas e tecnologias de poder do que uma substituição ou mesmo superação, ainda que haja mudanças pontuais.” (Augusto, 2009, p.66).

Diante deste cenário, o presente estudo buscou analisar o objeto através desse sentido de polícia como mecanismo de ordenamento interno da vida do indivíduo e como técnica de governamentalidade do Estado para controle da população.

A ATUAÇÃO DOS AGENTES NAS REDES E OS TEMAS DE SEGURANÇA PÚBLICA.

O levantamento da bibliografia referente às palavras chaves do universo da pesquisa “*Policiais Youtubers no Estado de São Paulo: a cultura policial nas mídias sociais e as políticas de segurança pública*” foi iniciado em outubro de 2022 e concluído em fevereiro de 2023. Durante esse período, os resultados da busca foram armazenados em um banco de dados com os materiais compatíveis encontrados nos repositórios acadêmicos das principais universidades do Estado de São Paulo. Por meio do conjunto das produções selecionadas, foi possível construir um relatório com a descrição dos processos de busca, métodos utilizados e possíveis resultados alcançados. Dentro do campo de Segurança Pública na cidade de São Paulo, o fenômeno dos policiais *youtubers* se localiza em alguns temas como: violência policial, cultura policial, mídia e polícia, atuação de agentes de segurança nas redes sociais e policiais na política. Porém, através da análise do estado da arte, é possível concluir que o tema em si possui poucas produções publicadas no universo acadêmico. Provavelmente, este resultado se justifica por ser um tema recente nas discussões sobre polícia, segurança pública e direitos humanos.

O primeiro passo do levantamento consistiu em escolher os repositórios acadêmicos de quatro universidades localizadas no Estado de São Paulo, que conseguissem dar conta da vasta produção sobre o contexto da pesquisa. Sendo assim, foram selecionadas: a Universidade Federal de São Paulo, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Após essa etapa, foi definido o processo de busca do material a partir de palavras-chave presentes na pesquisa ou que fossem compatíveis com os temas abordados. As nove palavras-chave definidas foram: policiais *youtubers*, polícia e mídia, policiais e redes sociais, policiais *influencers*/influenciadores, polícia em São Paulo, segurança pública em São Paulo, polícia e política, mídias sociais e cultura policial. Entre os quatro repositórios *online*, a plataforma que mais apresentou problemas para acesso do material foi o da Universidade de São Paulo, pois os materiais em formato PDF tiveram que ser buscados em outra plataforma *online* também pertencente à USP. O tipo de produção acadêmica encontrada foi predominantemente teses de doutorado e dissertações de mestrado nas áreas de Sociologia, História Social, Ciência Política, Direito e Comunicação. Em minoria, foi possível selecionar artigos, trabalhos de conclusão de curso e monografias de especialização. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo se destacou como a plataforma que mais apresentou resultados compatíveis com a pesquisa, principalmente no que diz respeito às discussões sobre a cultura do medo nas produções de mídia policiaiscas. Na bibliografia encontrada, o que prevalece são materiais produzidos entre no período de 1999 até 2022, ou seja, o universo da pesquisa se localiza no contexto dos

anos 2000, essa informação foi importante para pensar na popularização, consumo e transformações das produções audiovisuais policiaiscas.

Todo o material levantado foi registrado em uma tabela na plataforma do Planilhas *Google* com os seguintes dados: palavra-chave, título, autor, demais autores, ano de publicação, tipo de produção (artigo, conferência, livro, capítulo de livro, tese, monografia, dissertação), instituição, observações ou comentários extras. Os registros dos resultados tiveram média de 20 a 40 resultados por repositório. O primeiro levantamento feito gerou o resultado de 361 textos acadêmicos, selecionados a partir da leitura do título e do resumo. A partir desse resultado, foi necessário escolher mais critérios para a seleção dos textos que iriam ser planejados e armazenados no banco de dados. Para isso, as leituras foram sendo mais criteriosas: ao ler parte do material, foi necessário observar se a pesquisa compunha parte do mesmo universo do objeto. Por meio das palavras-chave, foi possível averiguar esse mesmo critério; além disso, foi observado nos textos o recorte temporal escolhido pelos autores e se as pesquisas se referem ao Estado de São Paulo. Por último, fui observando e justificando na tabela quais daqueles textos contribuem para a leitura sobre o meu objeto de pesquisa. Com a nova seleção os textos, cheguei ao resultado de 122 materiais selecionados. Como última etapa do levantamento, a cada texto inserido na planilha, um armazenamento foi feito na plataforma *Google Drive*, em pastas que levam o nome das instituições. Estas pastas possuem subpastas nomeadas pelas palavras-chave, em que é possível encontrar os respectivos textos separados, no formato PDF. Essa escolha foi feita pensando em como é necessário ter esses textos à disposição para o uso da minha investigação, como também para uso externo, caso seja necessário compreender qual o universo que compõe o objeto da pesquisa. Os textos em PDF foram nomeados com o título do material e sua data de publicação.

Conforme os textos foram sendo selecionados e as leituras iniciadas, foi possível perceber a predominância de alguns temas ou falta deles de acordo com cada palavra-chave, contribuindo para a reflexão da cadeia de pensamentos que envolvem a minha pesquisa. Um ponto a se ressaltar é a falta de pesquisas com a palavra-chave “Policiais *Youtubers*”, “Policiais e Redes Sociais” e “Policiais *influencer/influenciadores*”, o que demonstra a pouca utilização ou o desconhecimento dessa categoria dentro da academia, apesar da popularidade presente na mídia, nos jornais, na *internet* e nas produções audiovisuais.

Na palavra-chave “Polícia e Mídia”, foi possível encontrar uma vasta produção voltada para a relação da mídia e das produções policiaiscas, principalmente na área jornalística em programas de televisão. Além disso, muitas dessas produções também se

dedicam a refletir sobre a construção de imagens e discursos da cultura do medo em grandes cidades, cultura essa alimentada pelos grandes canais de comunicação. Uma pequena parcela das produções encontradas em um período mais recente se dedica a compreender o vínculo entre as eleições de 2014, os embates entre os discursos da mídia e da população. Essa investigação demonstrou um campo interessante para abordar o tema dos policiais *youtubers* pela discussão das produções midiáticas que visam a cultura policial e a cultura do medo, principalmente dentro do Estado de São Paulo.

Em “Polícia em São Paulo”, o material encontrado possui diversas linhas de pesquisa, o que evidencia que a palavra-chave aborda um grande campo de produções. Sendo assim, para a seleção, foram considerados trabalhos que abordassem a relação da instituição policial com a mídia; a formação dos policiais e suas discussões com temas de segurança pública, a relação diária entre policiais e a população. Em específico essa última seleção torna-se necessária para localizar as transformações do modo de ação da polícia tão popular hoje em dia. Nesse radar de pesquisas, também foram escolhidos alguns trabalhos que abordassem temas mais gerais, como o gênero musical *funk* paulista, o genocídio da juventude negra, a juventude negra e periférica de São Paulo, pois podem contribuir para a análise dos vídeos dos canais.

Em "Segurança Pública em São Paulo", parte dos trabalhos selecionados era sobre temas de segurança pública ligados ao poder executivo, ponto interessante para refletir sobre a carreira e discurso político que policiais *youtubers* consolidam dentro de suas campanhas. Assuntos sobre a população e a comunicação com as instituições policiais por meio de: ouvidoria, polícia comunitária de São Paulo, segurança privada e questões de monitoramento são textos que também apareceram com frequência na seleção. Alguns trabalhos sobre políticas públicas de segurança e sensação de insegurança urbana foram os mais interessantes encontrados durante a busca, por conta da compatibilidade com a linha de pesquisa que esse tema apresenta com o meu trabalho. Nesta palavra-chave, entre 2008 e 2022, no repositório da PUC-SP, pode-se observar um resultado instigante, pois grande parte dos textos selecionados se dirigiam à *internet* como um meio que vem ganhando espaço na aproximação com a população: seja na comunicação entre as instituições públicas ou na formação política dos indivíduos.

A palavra-chave “Polícia e Política” não obteve grandes resultados, a soma do material selecionado nos repositórios levou a três textos⁷. Um dos textos aborda a relação entre a segurança pública e privada, o que será necessário para pensar sobre os profissionais da segurança pública como um todo e em como a carreira policial está sendo encarada atualmente. Enquanto o restante dos textos é sobre a desconfiança política dos eleitores e a avaliação histórica da função da polícia paulista.

O levantamento sobre “Mídias Sociais” apresentou bons resultados. As pesquisas selecionadas analisam como as redes sociais estão refletindo na forma de interação dos indivíduos e em como isso anda transformando o seu modo de comunicação, forçando muitas vezes a mídia tradicional a se apropriar desses modelos. Para além, alguns materiais se dedicam a observar a onda da criação dos perfis *online* como profissão e da credibilidade que este espaço passa a oferecer a todos que querem discutir algo ou apenas dar opinião. São pesquisas que somam na análise do universo *online*, no qual o meu objeto atua principalmente através das criações desses perfis e da popularidade que isso gera. Para além disso, é necessário pensar no discurso desses personagens que se alteram através das redes, tomando um lugar de protagonismo da sua própria produção.

A última palavra-chave, “Cultura Policial”, foi uma busca específica e o resultado foi positivo, parte principal dos materiais selecionados se relacionam com discursos e imagens que acompanham a cultura policial. O enredo gira em torno do policial heroico que luta contra seus inimigos em nome da ordem e da segurança. Graças à leitura de alguns materiais para a escrita do projeto, já tinha uma ideia geral do que estava procurando, sendo assim, os textos são importantes para análise dos recursos que os policiais *youtubers* utilizam na produção dos vídeos.

A partir do que foi levantado de cada palavra-chave, é importante destacar o que cada texto apresenta para conhecimento do que já está sendo discutido no campo acadêmico do Estado de São Paulo. O levantamento conseguiu apresentar ideias gerais dos campos que compõem parte da minha pesquisa, assim como foi demonstrando contextos mais específicos do meu objeto. Portanto, esse fato contribuiu para pensar nos caminhos de análise que foram

⁷ São eles: CARVALHO, Glauco de Silva. **A Força Pública paulista na redemocratização de 1946: dilemas de uma instituição entre a função policial e a destinação militar.** São Paulo, 2011. 231 p. Tese (Mestrado em Ciência Política), Universidade de São Paulo.

LAZZARI, Eduardo Alves. **POR QUE OS BRASILEIROS NÃO CONFIAM EM PARTIDOS POLÍTICOS?** . São Paulo, 2016. 166 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade de São Paulo.

LOPES, Cleber da Silva. **COMO SE VIGIA OS VIGIAS: O controle da polícia Federal sobre a Segurança Privada.** Campinas, 2007. 205 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade Estadual de Campinas.

feitos, tendo como base as experiências de leituras que somaram à minha escrita, como também serviram para a reflexão de questões mais amplas sobre o universo estudado.

DISCURSO DO POPULISMO PENAL E CULTURA DO CONTROLE

Os autores David Garland (2008) e Vera Malaguti (2009) contribuíram no processo de análise dos recursos discursivos utilizados pelos policiais *youtubers*. O conteúdo propagado pelos policiais tem como um de seus pilares o conceito de populismo penal. De acordo com Lima (2022), desde os anos 1990, autores dedicados a análises dos campos da violência, da justiça penal e criminal buscam compreender o aumento nos níveis de punitividade nas políticas criminais.

“Há vinte anos, na sociologia da punição, vem-se elaborando um conceito que tem obtido relativo êxito na descrição e compreensão de, ao menos, uma certa parte das mutações penais contemporâneas: o populismo penal.” (SOZZO, 2017 *apud* LIMA, 2022, p.38).

“A noção de populismo penal desponta num ensaio do criminólogo britânico Anthony Bottoms, publicado em 1995, no qual apontou algumas tendências que estariam influenciando a política penal e o sistema de justiça criminal da época nos países de língua inglesa, principalmente no cenário.” (SOZZO, 2017 *apud* LIMA, 2022, p.39)

Na obra *A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea*, o sociólogo David Garland (2008) propõe-se a encontrar elementos históricos, sociais e criminológicos que possam contribuir na reflexão sobre a estrutura do controle do crime que conhecemos na contemporaneidade.

Garland se debruça sobre a normalidade social que temos diante de práticas e políticas criminais contemporâneas. Segundo o autor, "nossas práticas atuais são profundamente confusas e estarrecedoras se consideradas de um ponto de vista histórico temporalmente muito próximo" (Garland, 2008, p.41). Mesmo que por vezes nos cause desconforto, as compreendemos como parte da vida cotidiana, como uma espécie de mecanismo vital para a manutenção da sensação de segurança coletiva. O estudioso, então, busca “desenvolver uma história do presente na área do controle do crime e da justiça criminal” (Garland, 2008, p.42). Essa busca visa explicar como o modo de operar as resoluções de questões de segurança toma a forma que conhecemos hoje. O autor inicia seu estudo a partir de eventos que representam pontos de transformação⁸ na estrutura criminal, social e histórica dos Estados Unidos e da

⁸ “As grandes transformações que varreram a sociedade na segunda metade do século XX foram, de uma vez, econômicas, sociais, culturais e políticas. Até onde é possível, elas podem ser resumidas no seguinte: i) a dinâmica da produção capitalista e das trocas mercantis e os correspondentes avanços em tecnologia, transportes e comunicações; (ii) a reestruturação da família e do lar, (iii) mudanças na ecologia social das cidades e dos

Inglaterra. Garland se desafia a construir uma crônica genealógica, que dê conta de compreender quais condições históricas levaram a essas práticas ou permaneceram na conjuntura atual.

O autor argumenta que

“Se essa crônica genealógica tiver êxito, ela proverá um instrumento para análise das novas práticas relacionadas ao controle do crime, forjadas ao longo das últimas três décadas, e para revelar as hipóteses, os discursos e as estratégias que emprestam a forma e a estrutura para esse campo social” (GARLAND, 2008, p.43).

Segundo Garland, após 1950, as economias da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos vivenciaram um período de crescimento econômico e aumento de qualidade de vida conhecido como “*Os Anos Dourados*”⁹. Para o autor, neste período, esses países tornaram-se Estados de Bem-Estar. Para alimentar a falsa sensação de igualdade produzida pelas políticas de consumo, o Estado passa a promover políticas sociais responsáveis por cuidados voltados para a população, como: saúde, educação, alimentação etc.

“Para a massa trabalhadora, o “pleno emprego” e a rede de segurança previdenciária emprestaram às suas vidas um nível de segurança econômica jamais visto. O crescimento dos sindicatos, o aumento nos níveis salariais e a tributação progressiva tiveram efeito de diminuir a lacuna entre ricos e pobres.” (GARLAND, 2008, p.187).

A autora Malaguti (2003) apresenta na obra *O medo na cidade do Rio de Janeiro* reflexões sobre a propagação do medo coletivo e a mobilização de políticas duras de segurança. Malaguti produz um estudo dos discursos sobre a insegurança no Rio de Janeiro, a partir três áreas diferentes da investigação social, sendo um marco no que se refere à produção dentro da historiografia do controle social.

A socióloga inicia sua obra refletindo sobre o processo eleitoral dos anos 2000 e a disseminação do medo coletivo como estratégia da coalizão conservadora - com a contribuição da mídia -, na tentativa de impedir forças populares de chegar ao poder institucional. E traz, como exemplo, o destaque dado, pelo Jornal do Brasil de 1998, à fala do então presidente Fernando Henrique Cardoso: “O Brasil não vai nunca eleger o caos” afirma o presidente Fernando Henrique, “Eu represento a estabilidade, organização e progresso”. (Jornal do Brasil, 6 de junho de 1998 *apud* MALAGUTI, 2003, p.19).

subúrbios; (iv) a ascensão dos mass media eletrônicos; e (v) a democratização da vida social e cultural”. (Garland, 2008, p.185).

⁹ Mudanças no campo industrializado como: técnicas e produção em massa, expansão dos mercados domésticos e exterior de consumo, custo da energia elétrica e o método de gerenciamento keynesiano; foram políticas econômicas que prosperaram na década de 50. Os efeitos dessas políticas afetaram os trabalhadores, como nunca tinha ocorrido antes, modificando também seu pensamento social de solidariedade de classe.

Garland (2008) parte de políticas e práticas aplicadas pelos governos dos Estados Unidos e Grã-Bretanha para delimitação do seu problema de análise, e sua escolha é justificada pelas ações semelhantes entre as duas sociedades. O autor reforça que não considera essas duas perspectivas como universais, assim como também pretende, durante a obra, discorrer sobre suas diferenças. As semelhanças entre os problemas institucionais e as respostas políticas a eles permitem que o autor trace tendências estruturais comuns, localizadas nos últimos trinta anos.

Malaguti descreve que a ideia surgiu a partir da “experiência vivida na administração de uma conjuntura de pânico na cidade durante 1994” (MALAGUTI, 2003, p.19), um ano eleitoral. Neste período, o Rio de Janeiro estava passando por uma crise de segurança pública fabricada pelo Estado, vivenciando assim uma onda de medo coletiva, sendo um importante marco histórico capaz de descrever a relação entre a fabricação do medo coletivo e a vitória eleitoral de forças mais conservadoras.

“Em 1993, um arrastão, uma coreografia¹⁰ realizada por jovens pretos e pobres no caminho para os desfrutes da Zona Sul é levada ao ar, para todo o Brasil, como indicador na implantação do caos, do governo de desordem no coração do país. Não foi por mera coincidência que naquela eleição municipal a candidata do grupo popular perdeu para as forças da “lei e da ordem”. (MALAGUTI, 2009, p.19).

É interessante pensar nessa perspectiva em relação aos policiais *youtubers*, a propagação do medo coletivo e do caos reforça a própria propaganda política de que eles são os únicos capazes de combater o crime que estão anunciando. A autora relata que naquele ano, o medo do caos associado a possíveis vitórias eleitorais de forças populares forneceu um forte engajamento do campo conservador, que saiu vitorioso nas eleições municipais e estaduais. Para Malaguti, o Estado do Rio de Janeiro votou no medo de uma possível crise de segurança, articulada no campo político e noticiada fortemente pela mídia em nome de interesses próprios.

“Votaram no medo porque um espetáculo de horror havia sido ardilosamente construído, cotidianamente medido em centimetragem de manchetes de jornal, em minutos os noticiários televisivos que, a despeito das estatísticas, preparavam o espírito dos consumidores para o ato final, a tomada das Favelas pelas Forças Armadas e a vitória eleitoral.” (MALAGUTI, 2003, p.20).

De acordo com Garland, a partir dos anos 1960 nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, políticas de retribuição penal começam a retornar¹¹, pois ela é capaz de equiparar o

¹⁰ “Expressão utilizada pelo Cel. Carlos Magno Nazareth Cerqueira, então Secretário de Estado da P.M. para designar o que acontecia realmente naquele verão” (MALAGUTI, 2003, nota de rodapé.6, p.19).

¹¹ O impacto inicial da pós-modernidade consiste em vincular as altas taxas da criminalidade aos novos arranjos sociais e econômicos que lhe foram inerentes. (Garland, 2008, p.203).

peso do crime cometido, ou representar os danos causados às vítimas envolvidas nos casos. Essa preocupação passa a legitimar “um discurso explicitamente retributivo, o qual, por sua vez, incentivou os políticos a manifestarem abertamente seus sentimentos punitivos e aprovarem leis draconianas” (Garland, 2008, p.52). Com isso, leis fixas e padrões liberais trazem à tona o retorno de: pena de morte, acorrentamento coletivo de presos e penas corporais. O autor apresenta discursos proferidos por políticos da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, que poderiam facilmente ser equiparados a discursos que reforçam sentimentos punitivos promovidos pela bancada da bala ¹² no Brasil. Pensando nessa perspectiva, é interessante observar como isso também se estende à sociedade brasileira nos campos informais. Podemos citar o crime organizado de São Paulo, suas condutas e regras são formuladas em cima dessa lógica, como, por exemplo, o tribunal do crime, em que a punição vai ser discutida de maneira que se equipare a ação cometida. Existem casos em que a vítima envolvida poderá exigir esse julgamento e participar da tomada de decisão de uma pena, para que assim consiga de maneira literal obter o sentimento de justiça feita.

“Nos anos recentes, tentativas explícitas de expressar a raiva e o ressentimento públicos se tornaram recorrentes para a retórica que acompanha a legislação penal e a tomada de decisões. O sentimento das vítimas, das famílias das vítimas ou de um público aviltado e temeroso são agora rotineiramente invocados em apoio às novas leis e políticas penais.” (Garland, 2008, p.52).

Malaguti cita Soares (1996) para exemplificar outro trabalho acadêmico que segue essa mesma linha de raciocínio. Soares analisa “a cultura do medo e a carga simbólica política e ideológica dos fatos que culminaram na Operação Rio” (MALAGUTI, 2003, p.20), no mesmo período eleitoral citado por Malaguti. O autor observa como a teatralidade da ordem discursiva passa a ser utilizada por forças conservadoras e pela grande mídia do Rio de Janeiro, gerando uma política de exclusão das classes pobres. Malaguti utiliza o termo exclusão com o sentido de inclusão exclusiva ¹³, desenvolvida para refletir em como a população pobre vivencia a exclusão de direitos básicos, ao mesmo tempo que passa a ser incluída como protagonista em projetos que visam a espetacularização do medo coletivo. Ou seja, o pacto da grande mídia com políticos conservadores gera políticas econômicas de

¹² “Esse termo [‘Bancada da Bala’] tem sido usado em várias acepções. Muitas vezes ligado aos parlamentares ligados às forças de segurança, outras para se referir ao grupo mais diretamente ligado à indústria de armas e ao armamentismo, outras para aqueles que defendem o endurecimento penal para resolver o problema da violência”. (Angeli Felipe, 2022 apud TOMAZ Kleber, DIAS Carlos Henrique e RODRIGUES Rodrigo. Conheça a nova ‘Bancada da Bala’: 57 deputados estaduais, 44 federais e 2 senadores eleitos vieram das forças de segurança, diz instituto. G1, São Paulo, 25 de Outubro de 2022. Eleições em São Paulo. Disponível: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/10/25/conheca-a-nova-bancada-da-bala-57-deputados-estaduais-44-federais-e-2-senadores-eleitos-vieram-das-forcas-de-seguranca-diz-instituto.ghtml>. Acesso: 01 de julho de 2023.

¹³ Crítica desenvolvida por Joel Rufino dos Santos.

exclusão para a parte da população que possui protagonismo em estratégias que visam fabricar do medo.

Dentro das estratégias de propagação do medo coletivo, as políticas de segurança pública rígidas ganham força e apelo popular, fortalecendo ainda mais os sistemas de controles sociais em espaços informais e formais. Em sua dissertação de mestrado, Malaguti já tinha observado a relação entre a demonização de assuntos criminais e investimentos em políticas de segurança mais violentas e duras. Garland também dá um passo à frente ao ter a mesma reflexão sobre o enrijecimento de ações voltadas para o controle do crime, políticas penais e justiça criminal pela mesma justificativa.

“O mercado de drogas ilícitas havia propiciado uma concentração de investimentos no sistema penal (bem como a concentração dos lucros daquela atividade), mas principalmente, propiciado argumentos para uma política de genocídio e violação dos direitos humanos entre as classes vulneráveis, sejam eles jovens negros e pobres das favelas do Rio de Janeiro, sejam camponeses colombianos ou imigrantes indesejáveis no hemisfério norte.” (MALAGUTI, 2003, p. 20- 21)

A autora reflete sobre a origem da cultura do medo na escravidão e em como o pânico tem sido utilizado para neutralização e disciplinamento das massas empobrecidas. O medo de que o ordenamento introduzido neste período se desestabilize com qualquer abalo permanece na formação do Estado, pois o fim da escravidão não rompeu com esta organização, nem de maneira socioeconômica ou cultural. Portanto, a fabricação de ondas de medo parte da necessidade de intensificar as razões para que se mantenha as políticas de lei e ordem que prevalecem desde o modelo colonial escravista. As políticas de combate ao crime tentam, na verdade, justificar a tentativa de extinção de uma massa que até hoje ameaça os interesses das forças conservadoras. “A hegemonia conservadora na nossa formação social trabalha a difusão do medo como mecanismo indutor e justificador de políticas autoritárias de controle social.” (MALAGUTI, 2003, p.23).

Malaguti trabalha com seu objeto a partir de dois períodos, um deles reflete sobre a história do medo na corte imperial e outro, sobre as ondas de pânico urbano no período contemporâneo. Para além, a autora descreve quais foram as rupturas e permanências no que se refere à cultura do medo em tempos históricos divergentes.

“No império trabalharei na ambiência na corte do Rio de Janeiro no período em que ocorreu a Revolta dos Malês na Bahia, em torno de 1835. No século XX trabalharei a conjuntura a partir das campanhas eleitorais de 92/94, as políticas de segurança e os discursos do medo presentes nas narrativas cotidianas.” (MALAGUTI, 2003, p.21).

Através de sua obra, a autora compreende que o campo simbólico através dos discursos e representações das épocas possui funções ideológicas e políticas, alcançando as

práticas na realidade. Quando a autora diz que “é no campo simbólico e na ação prolongada de inculcação que se desenvolvem relações de concorrência pelo monopólio do exercício legítimo da violência simbólica” (MALAGUTI, 2003, p.21), ela apresenta uma boa reflexão para instigar a observação em relação ao alcance dos discursos presentes nos vídeos e em como eles se relacionam com ações do cotidiano, principalmente quando o objetivo da busca é entender o que esses símbolos escondem.

Para Garland “os interesses e os sentimentos das vítimas - vítimas verdadeiras, famílias das vítimas, vítimas potenciais, figura projetada da vítima – agora são rotineiramente invocados em apoio às medidas de segregação punitiva”. (Garland, 2008, p.55) Esse mecanismo transparece a tentativa de políticas criminais em aplicar punições que consigam se equiparar aos sentimentos daqueles envolvidos em casos criminais. As disputas giram em torno de debates que refletem sobre perdas e ganhos entre vítimas e criminosos, como se o pleno direitos de um fosse automaticamente a anulação do outro. Segundo o autor, o papel da vítima passa a ser tão representativo que se externaliza de demandas das vítimas reais, silenciadas em nome da projeção de um sentimento coletivo. Garland destaca o recurso do medo empregado na relação por meio de maneira visual, por exemplo, quando "imagens publicadas de vítimas reais servem de metonímia personalizada da vida real, do “poderia ter sido você” relacionado ao problema de segurança pública que se tornou um componente decisivo da cultura contemporânea”. (Garland, 2008, p.56) A vítima agora não é só aquela envolvida na situação, ao mesmo tempo que ela é individualizada ela é coletiva, pois pode ser que um dia você passe por essa situação. Por conta disso, justifica-se que o coletivo deve apoiar medidas de neutralização, punição e exclusão, para que não ocorra algo semelhante consigo mesmo.

Vera Malaguti pensa na mobilização desse sentimento pela construção de um inimigo comum. A análise da autora no campo histórico da corte imperial, parte do ano de 1835 em que ocorre a Revolta dos Malês. Para Malaguti, a produção do medo coletivo tem como ponto de partida este evento histórico. Através de Reis (1986), a autora passa a discorrer sobre esse fato. A rebelião foi organizada no final do ano de 1834, motivada pela humilhação pública de dois líderes mulçumanos que foram presos: o alufá Pacífico Licutan e o mestre Ahuna. Outros fatos sociais justificaram a Bahia como território de diversos motins e rebeliões, como: o aumento da importação de escravizados africanos, o intenso ritmo de trabalho e a divisão entre cativos e trabalhadores livres da época. Além disso, as razões foram intensificadas pelo contexto de euforia social vivenciado em Salvador. A religião Islã também foi foco de perseguição e pilar estruturante do imaginário de medo que foi acionado na classe dominante,

formada por brancos e europeus. Citado pela autora, o historiador João José Reis descreve que “na Bahia, o islã – como outras expressões religiosas africanas – só por existir subvertia, no mínimo, a ordem simbólica dominante.” (REIS, 1986 *apud* MALAGUTI, 2003, p.24). O Islã cada vez mais se tornava referência para a comunidade negra; a religião unia vários grupos étnicos, os textos do Corão geravam identificação, a liberdade de participação igualitária também era praticada e os mestres reuniam a comunidade para orar e estudar. Ou seja, “foi duro para uma sociedade onde a etnia dominante, os brancos, continuava predominantemente analfabeta, aceitar que os escravos africanos possuíam meios sofisticados de comunicação”. (REIS, 1986 *apud* MALAGUTI, 2003, p.247).

A narrativa que embasava o medo relacionado ao povo malê é que a revolta pudesse se repetir ou se espalhar pelos outros Estados senhoriais, como também poderia se equiparar à Revolução Haitiana. A autora apresenta um documento do decreto de 1830, no qual é possível analisar o medo refletido no controle da movimentação de escravizados em Salvador. Ressalto dois artigos presentes no documento:

“Art. 1º - Nenhum escravo, cuja Senhor for morador na cidade, villas ou povoações, e viva em companhia deste; e bem, assim nenhum escravo, que residir em fazenda ou prédio rústico de qualquer denominação que seja, poderá sair, aquelle da cidade, villas ou povoações, e este da fazenda ou prédio rústico, em que habitar, sem consigo levar uma cédula datada, e assignada por seu senhor, administrador, feitor, ou quem suas vezes fizer, em qual se indiquem o nome e a naturalidade do escravo, seus mais saliente signais; o lugar para onde se encaminha; e o tempo, pelo qual se deva valer a referida cédula.

Art. 2º- O escravo, que se achar fora dos lugares designados sem a sobredida cédula, será immediatamente preso, e remetido a seu respectivo senhor para castigar, guardada a moderação devida.”¹⁴

Segundo Malaguti, as "sociedades assombradas produzem políticas históricas de perseguição e aniquilamento" (MALAGUTTI, 2003, p.26). São políticas que terminam sendo aclamadas e incorporadas pela população em nome do combate à sensação de medo. A Revolta dos Malês foi um dos principais fatos da perspectiva histórica da produção do medo. A corte imperial reagiu a seus efeitos marcando o século XIX por temporadas de histeria e medos que tinha como evidência boatos, rumores e denúncias. O esforço da corte para acalmar as autoridades imperiais e a consciência do exagero em relação aos boatos não foram motivos suficientes para a reduzir a intensidade das políticas de repressão. Todas as estratégias de controle e perseguição eram focalizadas na neutralização de pessoas negras, o medo passou a se concretizar em um alvo considerado inimigo interno do Estado e das elites

¹⁴ Decreto de lei 14 de dezembro de 1830 - Leis e decisões do Governo - 1830, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Cf. MALAGUTI, Vera. **O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história.** Rio de Janeiro: Revan, 2003.

senhoriais. Para a socióloga “delimitar o inimigo como alguém de fora, como o outro, e tratar de estabelecer estratégias de controle duríssimas foram as medidas tomadas. Questionar a escravidão, jamais” (MALAGUTI, 2003, p.28).

A medidas de controle da população negra, pobre e cativa – tida como o foco das possíveis ameaças – é comparada, por Malaguti, às políticas de internamento na Europa do século XVIII, que aparecem em Foucault (1978). O autor afirma que as políticas de internação funcionam como uma reativação do imaginário.

"Estes são os sonhos através dos quais a moral, em cumplicidade com a medicina, tenta defender-se contra os perigos contidos, mas muito mal encerrados no internamento. Esses mesmos perigos, ao mesmo tempo, fascinam a imaginação e os desejos". (FOUCAULT, 1978 *apud* MALAGUTI, 2003, p.28).

A tentativa de justificar a qualquer custo a exclusão e o monitoramento de um ser social parte de ameaças reais; contudo, também é fruto da produção do medo coletivo que tem como origem a experiência individual. Segundo Malaguti, é dessa maneira que ocorrem as batalhas hegemônicas, pois, “a evangelização era o suporte superestrutural da conquista, através da pedagogia do pecado, da morte e da culpabilização; era o universo penitencial que tratava de ser interiorizado individualmente através da experiência subjetiva”. (MALAGUTI, 2003, p.30).

Assim, a sociedade imperial brasileira necessitava alimentar um medo coletivo para manter suas políticas de controle e seus mecanismos de opressão. As ações violentas legitimadas por todo um aparato social, econômico e político tinham como foco a neutralização e extermínio de todos os indivíduos que potencialmente se enquadram como ameaça da ordem.

Em Garland, “políticas oficiais de regulação do crime e da pena sempre evocam e expressam um conjunto variado de sentimentos coletivos”. (Garland, 2008. p.53). De acordo com o autor, "a referência regular a estes sentimentos serviu para aprofundar sua dependência da imaginação moral e para justificar muito do que se fez em seu nome” (Garland, 2008, p.53). A partir de 1970, o tom do discurso se modifica, agora o que rege os debates sobre crimes é a ansiedade relacionada ao seu combate. O governo passa a se preocupar com os níveis e tipos de medo que afligem a população, principalmente através de pesquisas de opinião, em que se mensura a confiança da população e o sentimento aos níveis do crime cotidiano. Essa perspectiva é significativa para pensar nos discursos sobre o medo do crime utilizados para a produção dos vídeos dos policiais *youtubers*.

“A percepção de um público amedrontado e revoltado teve grande impacto no tipo e no conteúdo das políticas, nos anos recentes. O crime foi redramatizado. A imagem

aceita, própria da época do bem-estar, do delinquente, como sujeito necessitado, desfavorecido, agora desapareceu. Em vez disto, as imagens modificadas para acompanhar a nova legislação tendem a ser esboços estereotipados de jovens rebeldes, de predadores perigosos e de criminosos incuravelmente reincidentes. Acompanhando estas imagens projetadas, e em reação retórica a elas, um novo discurso da política criminal insistentemente invoca a revolta do público, cansado de viver com medo, que exige medidas fortes de punição e de proteção.” (Garland, 2008, p.54).

Estes são alguns dos recursos discursivos mobilizados pelos policiais *youtubers*, por meio dessas perspectivas foi possível selecionar trechos dos vídeos para a produção da análise.

Segundo Garland, a proteção do público recebe uma enorme atenção na elaboração de políticas públicas criminais. As detenções preventivas e as sentenças condenatórias por tempo indeterminado foram mecanismos elaborados em nome da proteção coletiva dos indivíduos em sociedade, reforçado por uma cultura em que o ideal de reabilitação do criminoso tinha sido abandonado.

“Este desbloqueio ocorre com o surgimento da população como objetivo principal do governo. Esta emergência, no século XVIII, do problema da população como objeto do governo está ligada ao aparecimento da estatística como saber de Estado, que permitirá colocar a economia como um problema não mais restrito ao interior da família, ao estabelecer que a população possui uma lógica e uma regularidade própria que podem ser medidas, anotadas, modificadas e reguladas. E, a partir de então, a família passa de modelo a instrumento da arte de governo, já que ela é via de acesso para os problemas da população.” (Augusto, 2009, p.78-79).

Para Garland, há uma nova e urgente ênfase na necessidade de segurança, na contenção do perigo, na identificação e gerenciamento de riscos de todos os tipos” (Garland, 2008, p.56). As políticas implementadas em nome da exclusão dos indivíduos que ofereciam perigos constantes à sociedade acabaram afetando grupos de criminosos com penas mais leves. Nos tempos atuais, discussões como essa ocorrem entre grupos de políticos que se candidatam com promessas de endurecer leis de controle e monitoramento dos criminosos, com a mesma justificativa de neutralizar possíveis perigos que possam ocorrer.

Segundo Malaguti, para compreender a relação entre a representação do medo no passado e no presente, é necessário se deter na questão da produção da subjetividade. A autora aponta a perspectiva de Guattari (1992) sobre a construção da subjetividade em meio às comunicações em massa. Para o autor, "as transformações tecnológicas e o controle da indústria da mídia resultariam numa tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade” (GUATTARI, 1992 *apud* MALAGUTI, 2003, p.33). Por conta desse fato, Malaguti afirma que a política penal é a grande política social do período contemporâneo liberal em que vivemos. Segundo a autora, a qualquer ameaça de diminuição

de poder, a elite aciona os meios de comunicação ¹⁵ em massa para a propagação de “campanhas de lei e ordem que aterrorizam a população e aproveitam para se reequipar aos novos tempos” (MALAGUTI, 2003, p.33). No contexto brasileiro, Malaguti afirma que a produção do medo por imagens para a difusão do pânico coletivo possui um papel disciplinador na sociedade. Por exemplo, estudiosos dedicados à análise da Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985) conseguem identificar que o inimigo interno produzido neste período tornou-se, na contemporaneidade, o criminoso comum. As ações do Estado na “luta contra o crime” continuam com a mesma estrutura de controle social. “A eficácia das instituições de controle social se funda na capacidade de intimidação que estas são capazes de exercer sobre as classes subalternas.” (NEDER, 1986 *apud* MALAGUTI, 2003, p.37).

A partir da contribuição de Chalhoub, Malaguti apresenta o sentido utilizado na obra ao pensar no conceito de classes perigosas. Em seu estudo sobre “operações policiais” que tinham objetivo de extermínio de habitações coletivas e das epidemias na corte imperial do século XIX, Chalhoub aponta que o conceito de classes perigosas se refere à população pobre que desafiava as políticas de controle social. Todo o mecanismo utilizado nas operações era aclamado pela imprensa, enquanto alimentava o campo ideológico de que a classe pobre do meio urbano era uma ameaça interna que deveria ser controlada por meios técnicos e científicos. No pós-abolição, o conceito de classe perigosa passou a ser debatido no parlamento para a criação de leis sobre ociosidade ou falta de trabalho. As questões apresentadas relacionam a falta de trabalho com a criminalidade. Os fundamentos teóricos que justificaram as atuações policiais do século XIX também integravam o debate, pois, “a preocupação principal de garantir que, com a abolição da escravidão, os negros continuassem sujeitos aos trabalhos, criou a estratégia da suspeição generalizada, com os afrobrasileiros vistos como suspeitos preferenciais” (MALAGUTI, 2003, p. 38).

“Os novos inimigos da ordem pública, (ontem terroristas, hoje traficantes) são submetidos diuturnamente ao espetáculo penal, às visões de terror dos motins penitenciários e dos corredores da morte. Não é coincidência que a política criminal de drogas hegemônica do planeta se dirija aos pobres globais indiscriminadamente: sejam eles jovens favelados no Rio, camponeses da Colômbia ou imigrantes indesejáveis no hemisfério norte.” (MALAGUTI, 2003, p.84).

Outro ponto é que temas relacionados ao controle do crime se tornaram pautas de competições eleitorais. Os policiais *youtubers* propagam e constroem suas propagandas políticas com base em discursos populares e apelativos que resumem expressões de senso

15 Segundo Malaguti (2003) “Os meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, são hoje fundamentais para o exercício do poder de todo sistema penal, seja através dos novos seriados, seja através da fabricação de realidade para a produção de indignação moral, seja pela fabricação de estereótipo do criminoso.

comum sobre os crimes cotidianos. Os agentes de segurança pública legitimam seus posicionamentos por serem parte desse sistema de segurança. Na prática, o que prevalece é a defesa de interesses próprios, o discurso de senso comum serve para alcançar um eleitorado já esperando, como para quem prega para um público convertido, à medida em que iniciativas de políticas públicas são formuladas por um caráter eleitoral. Através dos perfis nas redes sociais os policiais conseguem criar uma linguagem íntima com o público, com base no debate do senso comum. Os agentes de segurança se colocam como os únicos capazes de representar essa vontade popular de fazer “justiça”, afinal eles estão na rua diariamente tentando manter a população segura. Garland diz que, entre 1980 e 1990, o poder de punir foge das mãos dos especialistas e a implementação de leis mais duras satisfaz o desejo do público enquanto aumenta a sensação aparente de segurança¹⁶.

“A voz dominante da política criminal não é mais do expert ou mesmo a do profissional de direito, mas sim a da população sofrida, desamparada – especialmente a das “vítimas” e dos amedrontados, membros angustiados do público”. (Garland, 2008, p.58).

O crime ocupa um lugar rotineiro na sociedade moderna, tendo em vista que sua prática ocorre por indivíduos racionais, suas características se tornam cada vez mais presentes em nosso cotidiano. Dessa maneira, as políticas de retribuição não estão mais questionando a razão do crime, e sim formas de controle daqueles propensos a quebrar regras sociais configuradas como crimes daquele determinado período. Em contrapartida, surge uma espécie de teorização do controle, em que o crime é visto como um evento que já está colocado em nosso cotidiano; sendo assim, o que resta é a prevenção do evento que já está predestinado em lugares propensos para a ocorrência de crimes. Portanto, não é de se espantar que a produção audiovisual de operações policiais esteja em notoriedade, pois, assistir vídeos contendo ações combativas a esses eventos reflete no público como sensação de segurança.

“A hipótese de trabalho dessas teorias é de que o crime é um evento – ou, melhor dizendo, um conjunto de eventos que não requer qualquer motivação ou disposição especial da parte do sujeito, nenhuma patologia ou anormalidade, e que está inscrito nas rotinas da vida social e econômica contemporânea.” (Garland, 2008, p.61-62).

Os investimentos em políticas públicas se concentram em programas de controle de ambientes, vigilância coletiva, segurança privada, entre outros. Um novo sistema de controle do crime foi sendo acionado pelos governos, gerando assim uma nova infraestrutura que tem como princípio “intensificar a prevenção do crime e aumentar a segurança comunitária,

¹⁶ Assim como aparece na obra de Malaguti (2003), em que grupos políticos conservadores incentivam a propagação do medo coletivo para construir suas campanhas políticas em nome de políticas de contenção mais duras.

primordialmente através da promoção do envolvimento das comunidades e da disseminação de ideias e práticas ligadas à prevenção do crime” (Garland, 2008, p.62). Todas as atividades que compõem o sistema de controle do crime se moldam a partir de novas criminologias da vida cotidiana, diferente dos objetivos da justiça tradicional. A nova infraestrutura é orientada por um conjunto de ações que incentiva o autopolicamento entre os indivíduos da mesma comunidade. Segundo Garland, “a prevenção, segurança, redução de danos, redução de perdas, redução de medos” (Garland, 2008, p.83), são ações projetadas para a segregação punitiva que estimula mecanismos de controles internos. A mídia contribui nesse aspecto de autopolicamento, enquanto age por meio de recursos que colocam o público no lugar de juiz moral dos crimes cometidos, trazendo o indivíduo para essa perspectiva de que estar em segurança é utilizar dos mesmos artifícios de práticas de vigilância e controle do Estado.

“Estamos diante de um problema de governo, do governo dos outros, da possibilidade de determinar a conduta dos outros, enfim, do governo não como função específica dos sujeitos se ocupam do Estado, mas do governo como prática, uma tecnologia de poder que objetiva produzir obediência. Tecnologia que Foucault chamará de governamentalidade- que incidirá, inicialmente, sobre a questão da melhor forma de se governar o Estado.” (GARLAND, 2008, p.77).

De acordo com o autor, é interessante observar como essa nova infraestrutura ultrapassa as perspectivas do público e do privado e expande os mecanismos de controle da criminalidade para além dos aparatos do Estado. Na contemporaneidade, ocorre de maneira intensa a busca do engajamento do público em casos criminais, programas de televisão, séries policiais e canais *youtubers*, que reforçam que o indivíduo pode e deve ser responsável por desempenhar um papel ativo na redução de crimes. A monopolização do controle do crime pertencente ao Estado passa a se pulverizar, em parceria com empresas de segurança privadas, principalmente por meio do policiamento e vigilância ostensiva.

“Até recentemente, a crença consolidada era de que o controle do crime e a reforma do criminoso eram responsabilidades do Estado, que deveriam ser executadas por funcionários do governo, a bem do interesse público. Estas claras linhas entre o público e o privado agora se obscurecem. Agências do setor público,(prisões, livramento condicional, liberdade vigiada, o tribunal etc.) estão sendo remodeladas de maneira a emular os valores e o modo de trabalho da indústria privada.” (Garland, 2008, p.64-65).

O autor trabalha com a perspectiva de arranjos que configuram falhas no sistema, não como algo temporário, e sim como parte de um sistema que não funciona. O senso comum compreende as instituições de segurança como sistemas de falhas independentes das tentativas de investimentos, recursos ou programas correcionais. Para o sociólogo, a principal consequência desse modelo falho é a falta de confiança do público em programas de controle

do crime e a falta de investimentos do poder público em profissionais e instituições da justiça criminal. Este lugar de desconfiança se mantém vago e ocupado por aqueles que se colocam como verdadeiros representantes dessa categoria, como salvadores da pátria que poderão lidar com esses problemas, como é o caso dos policiais *youtubers* em suas propagandas políticas.

“Altas taxas de criminalidade ou de reincidência, antes atribuídas a falhas de execução, que ensejaram a demanda por mais empenho por parte do sistema existente, com mais recursos e poderes para os agentes do sistema, agora são interpretadas como prova da falha da teoria: como sinal de que o controle do crime é baseado num modelo institucional que é singularmente inadequado para esta missão”. (Garland, 2008, p.68).

Os autores contribuem para compreender que as mudanças estruturais são resultado das ações promovidas por indivíduos sociais, "os discursos e retóricas – e as racionalidades baseadas no conhecimento ou no valor que elas envolvem serão, assim, tão importantes quanto a ação e as decisões, para a finalidade de produzir provas sobre a característica do campo” (Garland, 2008, p.14). Daqui surge a importância também dos discursos propagados nos vídeos analisados. Portanto, o modo de vida desses atores sociais, sua consciência, sensibilidade, valores e afins ditam a produção e reprodução dessas mudanças cotidianamente até que se enraíze como hábito. Entender como essas mudanças operam na cultura do controle da contemporaneidade, contribui na localização do medo cotidiano como recurso para popularidade e engajamento dos conteúdos produzidos nos canais *youtubers*.

CANAIS POLICIAIS NO *YOUTUBE* E PERFIS PARA ESTUDO DE CASO

Com objetivo de compreender a movimentação dos canais policiais para localizar perfis para o estudo de caso, foram produzidas duas coletas, a primeira de matérias jornalísticas dos principais veículos de informação do Estado de São Paulo e a segunda de dados quantitativos sobre os canais policiais do Brasil.

O levantamento de matérias de jornais referente às palavras chaves foi iniciado em março de 2023. A partir deste período, os resultados da busca foram armazenados em um banco de dados, com as matérias de jornais em PDF, e catalogados em uma planilha construída no programa Google Planilhas. Por meio do conjunto de reportagens, foi possível construir um relatório com a descrição dos processos de busca, métodos utilizados e possíveis resultados alcançados.

O primeiro passo do levantamento consistiu em escolher as principais plataformas de notícias *online* do estado de São Paulo como fonte de busca. Para definir as plataformas utilizadas, foi necessário observar alguns pontos característicos: quantidade de acessos, filtros,

recursos oferecidos pelo *site*, acesso pago ou gratuito, qualidade na exposição das notícias e fontes de informação; além de conferir a veracidade das informações para que não houvesse propagação de notícias falsas. Sendo assim, foram selecionados: Folha do Estado de São Paulo, Estadão São Paulo, G1. Um dos fatores que também influenciaram as escolhas foi a decisão de selecionar uma fonte que não esteja ligada à grande mídia paulista. Com base nesse ponto, selecionei a ORG Ponte Jornalismo, que, além de contrapor a grande mídia, se trata de um veículo especializado em Segurança Pública.

Após essa etapa, o processo de busca das matérias foi definido a partir de palavras-chave que fossem compatíveis com o tema abordado. As seis palavras-chave definidas foram: policiais *youtubers*, policiais e/nas redes sociais, policiais *influencers*/influenciadores, polícia e política/policiais eleitos, Delegado da Cunha/ Carlos Alberto da Cunha e Capitão Derrite/ Guilherme Muraro Derrite. Alguns *sites* de notícias trazem conteúdos extras, como *podcasts*, *blogs* e vídeos. Em específico, na Folha e no Estadão, é possível encontrar *blogs* que são usados por colunistas para compartilhar artigos ou comentários sobre temas diversos do cotidiano ou opinar sobre as próprias notícias do *site*. No material selecionado, o recorte temporal que predomina são matérias produzidas entre o período de 2011 a 2023, no qual o maior alcance de produção está no período entre 2016 a 2023. Os contextos políticos que preponderaram no levantamento foram os anos de 2016, com foco no impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, passando por 2018, início do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, até 2023, com atualizações políticas sobre os novos servidores públicos eleitos. Ou seja, o universo do tema se localiza no contexto político dos últimos sete anos e na *internet* como um espaço de debate e propaganda da política oficial. Essa informação nos ajuda a refletir sobre a popularização, o consumo e a transformação das produções audiovisuais policialescas e em como elas participaram dessas transformações no contexto político.

Todo o material levantado foi registrado em uma tabela na plataforma Planilhas Google com os seguintes dados: palavra-chave, *link* da notícia, manchete da notícia, data da notícia, fonte/seção da notícia, resumo, observações ou comentários extras. Os registros dos resultados tiveram em média 50 a 100 resultados por plataforma de notícia. O primeiro levantamento feito gerou o resultado de 450 notícias/matérias jornalísticas, que foram selecionadas a partir da leitura da manchete e do resumo da matéria. Com esse resultado parcial, foi necessário a escolha de novos critérios para a seleção do material que iria ser planejado e armazenado no banco de dados. Para isso, as leituras foram sendo mais criteriosas, ao ler o resumo do material, foi necessário observar se o contexto e o tema da reportagem compunham parte do universo do meu estudo. Por meio das palavras-chave, foi

possível averiguar esse mesmo critério, além disso, foi observado nos textos o recorte temporal compatível com a pesquisa; se as matérias eram referentes às notícias do Estado de São Paulo e se possuíam informações que poderiam agregar no objetivo da busca.

Por último, foi observado e justificado na tabela quais reportagens seriam interessantes para análise das fontes selecionadas para a pesquisa. A partir dos critérios, a nova seleção resultou em 335 matérias jornalísticas armazenadas em PDF. Como última etapa do levantamento, as reportagens foram inseridas na planilha e o armazenamento do material em PDF foi feito na plataforma *Google Drive*, em pastas que levam o nome dos *sites* de notícia selecionados. Essa escolha foi feita pensando em como é necessário ter o material à disposição para o uso da minha investigação, como também para uso externo, caso seja necessário compreender qual o universo que compõe o objeto da pesquisa no meio midiático. Os materiais em PDF foram nomeados com a manchete da notícia e sua data de publicação.

Em características gerais, as palavras-chave utilizadas apresentaram uma linha de resultado semelhante, mesmo em plataformas diferentes. A ORG Ponte Jornalismo foi a plataforma que mais obteve resultados em outras perspectivas, mas isso já era esperado. A maior parte das reportagens estava ligada ao governo do Jair Messias Bolsonaro¹⁷ ou ao governo do Estado de São Paulo comandado pelo ex-governador João Doria¹⁸ e o atual Tarcísio de Freitas¹⁹. Em policiais *youtubers* e policiais *influencers*/influenciadores, na Folha e no Estadão, os resultados foram semelhantes. As reportagens selecionadas se referem à blogueiros/influenciadores de direita que fazem parte da cúpula do Jair Bolsonaro, isto é, figuras políticas que fazem parte do grupo político do Jair Bolsonaro. O capitão Derrite é uma dessas figuras, muitas reportagens registram eventos em que os dois apareciam juntos, além disso, demonstram que as votações do Derrite como deputado federal estavam sempre alinhadas com os desejos do ex-presidente. Outro ponto é que algumas reportagens descrevem que seu atual cargo como secretário de segurança do Estado de São Paulo foi concedido pela sua ligação com o Bolsonaro. Outras reportagens se referem ao engajamento de vídeos produzidos em formatos semelhantes ao dos policiais *youtubers* e debatem sobre o funcionamento parlamentar da categoria de blogueiros eleitos por uma base alcançada pelo *Youtube*, principalmente políticos do partido PSL (Partido Social Liberal) nomeados de políticos celebridades. É possível observar predominância em reportagens sobre *influencers*

¹⁷ Ex-presidente do Brasil, filiado ao Partido Liberal (PL).

¹⁸ Neste período o ex-governador estava filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

¹⁹ O atual governador filiado ao partido Republicanos.

de direita que participaram de atos pró Bolsonaro ou do nomeado “ataque golpista”²⁰ do início do ano.

Ao que se refere ao objeto de estudo, a ORG Ponte Jornalismo foi o veículo que mais apresentou resultados compatíveis com o tema policiais *youtubers* e produções de vídeos nas redes. As principais matérias selecionadas no se refere ao objeto foram assinadas pelos jornalistas Jennifer Mendonça e Gil Luiz Mendes. É possível encontrar reportagens que falam sobre o sucesso alcançado por agentes de segurança em redes sociais, assim como proibições e regulamentações das postagens nas redes. Outras matérias que se referem a agentes de segurança que estão proibidos formalmente de fazer postagens de caráter político ou de autopromoção; além de acompanhar polêmicas²¹ em que alguns policiais com alto engajamento nas redes estão envolvidos. Em contraste, selecionei reportagens que documentam a *internet* como um campo para propaganda política mais importante do que o tempo de televisão nos últimos anos.

É importante ressaltar que, em algumas plataformas, a palavra-chave teve que ser modificada para alcançar mais matérias; por exemplo, “policiais e redes sociais” foi substituída por “policiais nas redes sociais”. Com esta palavra-chave, foi possível encontrar matérias mais específicas sobre o uso das redes sociais por policiais. As reportagens seguem a linha de três discussões: a exposição pessoal e corporativa dos policiais nessas redes, as regras que instituições e os governos passam a cobrar dos agentes de segurança e os perfis pessoais de policiais que se unem para, através das redes sociais, protestarem sobre as condições das corporações de segurança.

No G1, a relação entre policiais e as redes sociais gerou resultados diferentes, pois apresentou matérias mais específicas sobre perfis de policiais e suas movimentações nas redes sociais. O G1 também produziu reportagens sobre todos os casos envolvendo Gabriel Monteiro²², assim como gerou resultados sobre o delegado da Cunha e outros policiais

²⁰ Manifestantes golpistas entraram na Esplanada dos Ministérios na tarde deste domingo (8), invadiram o Palácio do Planalto, o Congresso e o STF (Supremo Tribunal Federal), espalharam atos de vandalismo em Brasília e entraram em confronto com a Polícia Militar. (GABRIEL, João. Golpistas invadem Planalto, Congresso e STF; PM reage com bombas. Folha de São Paulo, São Paulo, 08 de Janeiro de 2023. Ataque a democracia. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/01/bolsonaristas-sobem-em-teto-do-congresso-e-pm-reage-com-bombas.shtml>. Acesso: 26 de Junho de 2023.)

²¹ “Homicídios, ameaça, violência contra a mulher e abuso de autoridade são alguns dos crimes pelos quais parte dos policiais que estão se candidatando nas eleições de 2022 foram investigados em algum momento na carreira em São Paulo. (MEDONÇA, Jennifer. Mortes, ameaças, violência contra a mulher: o currículo de parte dos policiais candidatos em SP. Ponte Jornalismo, São Paulo, 09 de Setembro de 2022. Disponível em: <https://ponte.org/mortes-ameacas-violencia-contra-a-mulher-o-curriculo-de-parte-dos-policiais-candidatos-em-sp/>. Acesso: 29 de Junho de 2023.

²² Gabriel Monteiro é ex-policial militar, youtuber e vereador do Rio de Janeiro filiado ao PL (Partido Liberal).

youtubers de diversos Estados do Brasil envolvidos em algum caso de investigação que obteve destaque nas mídias e redes sociais.

Em polícia e política, tomei a decisão de intercalar a busca com a palavra-chave modificada para “policiais eleitos”, gerando resultados mais específicos. Os resultados apresentam majoritariamente reportagens sobre o atual governo do Estado de São Paulo comandado por Tarcísio de Freitas. As matérias tinham como pauta as expectativas dos nomes escolhidos para ocupar os cargos de secretários do governo e decisões polêmicas que teriam que ser tomadas por Tarcísio. O Bolsonarismo aparece mais uma vez, principalmente para reflexão sobre a relação entre polícia e política ou policiais que foram eleitos. Algumas reportagens discutem sobre políticos da Bancada da Bala²³ e políticos que são ex-agentes de segurança ligados a pautas pró-armamentistas²⁴. Por fim, também foram encontradas reportagens sobre e outros agentes de segurança que foram eleitos, além de matérias que discutem a relação entre policiais eleitos e a democracia. A ORG Ponte Jornalismo obteve um diferencial ao apresentar artigos e reportagens que discutiam a polícia e a democracia a partir da perspectiva do movimento de policiais antifascistas²⁵.

Finalizei a busca pelos nomes de dois perfis do meu estudo de caso, o delegado da Cunha e o capitão Derrite. A escolha de colocar os nomes dos policiais como palavras-chave foi feita para compreender como esses perfis específicos estão sendo vistos pelos veículos de informação. O capitão Derrite aparece mais em reportagens do que o delegado da Cunha,

²³ "São candidatos e políticos em geral, que se beneficiam muito mais do status policial para benefício próprio. E aí embarcam nesse debate político, mais no campo dos costumes, mais ideologizado, mais próprio nesse campo do bolsonarismo [como são chamados os apoiadores do presidente **Jair Bolsonaro (PL)**] do que policiais que estão ali, de fato, se candidatando para representar suas corporações". (Angeli Felipe, 2022 apud TOMAZ Kleber, DIAS Carlos Henrique e RODRIGUES Rodrigo. Conheça a nova 'Bancada da Bala': 57 deputados estaduais, 44 federais e 2 senadores eleitos vieram das forças de segurança, diz instituto. G1, São Paulo, 25 de Outubro de 2022. Eleições em São Paulo. Disponível: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/10/25/conheca-a-nova-bancada-da-bala-57-deputados-estaduais-44-federais-e-2-senadores-eleitos-vieram-das-forcas-de-seguranca-diz-instituto.ghtml>. Acesso: 01 de julho de 2023.)

²⁴ Alguns desses parlamentares, de acordo com o especialista, são conhecidos por defenderem pautas como a da flexibilização de leis para armar a população, permitir a compra de mais armas e munições pelos CACs, sigla usada para definir o grupo chamado de Colecionadores, Atiradores e Caçadores, endurecimento e redução da maioria penal, e excludente de ilicitude para policiais envolvidos em ocorrências com suspeitos mortos, entre outras. (Angeli Felipe, 2022 apud TOMAZ Kleber, DIAS Carlos Henrique e RODRIGUES Rodrigo. Conheça a nova 'Bancada da Bala': 57 deputados estaduais, 44 federais e 2 senadores eleitos vieram das forças de segurança, diz instituto. G1, São Paulo, 25 de Outubro de 2022. Eleições em São Paulo. Disponível: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/10/25/conheca-a-nova-bancada-da-bala-57-deputados-estaduais-44-federais-e-2-senadores-eleitos-vieram-das-forcas-de-seguranca-diz-instituto.ghtml>. Acesso: 01 de julho de 2023.)

²⁵ Os Policiais Antifascistas surgem para promover o debate e resistir às políticas de desmantelamento do Estado Social e dos direitos fundamentais na contemporaneidade. É um movimento de caráter progressista que luta por causas sociais, étnicas, de gênero e de identidade (ALVES, 2018 apud CEZARINHO Franz. MOVIMENTO DE POLICIAIS ANTIFASCISMO NO BRASIL: UMA ANÁLISE SOBRE SUAS AÇÕES, PRÁTICAS E IDEIAS NA CONTEMPORANEIDADE. Revista TEL, Irati, v. 12, n.1, p. 217-233, jan./jun. 2021- ISSN 2177-6644).

porém os dois possuem semelhanças pelo baixo número de reportagens relacionados às suas antigas ocupações como oficiais de segurança. Parte das matérias recentes estão relacionadas à suas campanhas eleitorais, cargos políticos e como componentes da bancada da bala.

A partir do delegado da Cunha, foi possível selecionar reportagens que abordam todo o seu processo de ascensão, queda e entrada na política. As primeiras reportagens exaltam o sucesso nas redes sociais pela produção de conteúdo do cotidiano do serviço policial, com altos engajamentos, contratos de publicidade e bons números de seguidores. Logo depois as reportagens estão focadas no processo de investigação da Justiça de São Paulo sobre a monetização e as produções de vídeos feitos em operações oficiais. Por fim, as reportagens falam sobre o final dessa saga onde da Cunha é afastado e recebe o pedido de demissão do Conselho da Polícia Civil de São Paulo. Ainda em 2021, o delegado tem uma tentativa fracassada de retorno às atividades policiais. E logo após, o delegado se filiou ao MDB (Partido Movimento Democrático Brasileiro), se candidatou pelo partido nas eleições de 2022 e iniciou o ano de 2023 eleito²⁶ como deputado federal do Estado de São Paulo. A partir deste fato, as reportagens passam a acompanhar da Cunha como componente da Bancada da Bala, monitorando seus movimentos dentro do cargo político.

Derrite, diferente do delegado da Cunha, passa a ser citado pela mídia depois de construir sua carreira política como um dos principais integrante da Bancada da Bala, em que passa a ser relator de projetos de leis que possuem como centro debates pertencentes a agenda política²⁷ bolsonarista. As matérias produzidas no contexto dos últimos três anos ligam o capitão Derrite ao governo Bolsonaro como uma personalidade presente na cúpula do ex-presidente, e sobre como esse fato o influenciava nas decisões parlamentares. Por fim, parte das reportagens são sobre sua nomeação como secretário de segurança do Estado de São Paulo por escolha estratégica do atual governador Tarcísio de Freitas e a sua manutenção com o bolsonarismo. As reportagens indicam que, ao vencer as eleições de 2022, o governador

²⁶ Lançado pelo PP, Da Cunha foi eleito com 181.568 votos. O novo deputado deve engrossar a chamada bancada da bala, que em São Paulo também elegeu nomes como Delegado Palumbo (MDB), Capitão Derrite (PL) e Capitão Augusto (PL). (Delegado da Cunha se elege deputado federal em SP Delegado da Cunha se elege deputado federal em SP. Folha de São Paulo, São Paulo, 03 de Outubro e 2022.Poder. Disponível: https://aovivo.folha.uol.com.br/poder/2022/09/30/6207-acompanhe-as-principais-noticias-sobre-as-eleicoes-2022.shtml?_gl=1*1s7nhbz*_ga*NjQ3ODgwMDMyLjE2ODAwMjc5MDA.*_ga_RY1LTN28TR*MTY4MDAzODY0MS4zLjEuMTY4MDA0MDkzOC40MC4wLjA.#post420488 . Acesso: 30 de junho de 2023).

²⁷ O deputado federal Eduardo Bolsonaro filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, publicou um curso em 2022, onde ele descreve algumas pautas ideológicas da agenda política de bolsonaristas. “Com as mesmas agendas de 2018 – cultura, armamento, segurança e drogas –, nomes conservadores participam do programa que promove temas como a legítima defesa, doutrinação nas escolas e política de cultura”. (MARZULLO, Luisa. Bolsonaristas resgatam agenda ideológica de 2018 para mobilizar a base na pré-campanha. O Globo, São Paulo, 19 de Maio de 2022. Disponível: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaristas-resgatam-agenda-ideologica-de-2018-para-mobilizar-base-na-pre-campanha-25512220> . Acesso: 30 de junho de 2022)

Tarcísio estava cada vez mais tentando a se desligar do bolsonarismo, mas, ao ser cobrado sobre esse posicionamento, o governador escolheu para os cargos de suas secretarias algumas personalidades que representavam essa ligação. Derrite foi uma delas. Somado a isso, também há matérias sobre as expectativas das decisões sobre os programas de segurança pública da cidade de São Paulo e sobre uso de câmeras pelos agentes em trabalhos ostensivos.

O que pude observar a partir deste levantamento é que a mídia está atenta às movimentações de produções que estão ocorrendo nas redes sociais e em como isso se relaciona com o bolsonarismo e o aumento de agentes de segurança pública eleitos em cargos de representação política.

A coleta de dados quantitativos sobre os canais *youtubers* na plataforma de vídeo foi feita com assistência da ferramenta *Youtube Data Tools*, aplicação *online* que possui acesso gratuito disponível pelo grupo de pesquisa europeu Methods Initiative (DMI)²⁸.

Segundo a descrição da própria aplicação, a ferramenta fornece dados quantitativos sobre rede de vídeos, rede de canais, informações e comentários de vídeos específicos extraídos da plataforma *Youtube* ou da rede social selecionada. Dentro do processo de coleta, existem vários módulos que orientam o resultado gerado pela ferramenta, sendo o módulo utilizado neste processo da pesquisa nomeado de lista de canais. Esse módulo cria uma lista de informações e estatísticas a partir da escolha de um tema chave, os canais correspondentes ao tema buscado geram um arquivo em formato .csv com tabelas em que cada linha é um canal, com uma série de informações e variáveis, tais como número de inscritos, número de visualizações, quantidade de vídeos, data de criação do perfil e descrições dos canais.

Para início da análise da rede de canais, foi necessário selecionar alguns parâmetros para extração dos dados, eles são: tema ou palavra-chave, idioma, interações²⁹, delimitação de período e classificação de como o pesquisador deseja organizar a planilha - por exemplo ordem alfabética ou por ordem de relevância. O resultado foi gerado a partir das palavras chaves: *Policiais Youtubers* e *Canais Policiais*. Selecionei apenas duas para delimitar o universo do objeto estudado, optei por não utilizar o recurso das interações e não delimitar o período para ter o resultado de quando os canais começaram a surgir, por último selecionei a classificação por ordem de relevância.

²⁸ Iniciativa de Métodos Digitais (DMI) é um dos principais grupos de pesquisa em Estudos da Internet da Europa. O grupo desenvolve e oferece gratuitamente ferramentas de pesquisa para estudo de dados quantitativo disponíveis em sites, redes sociais digitais, plataformas digitais e aplicativos.

²⁹ O parâmetro que se refere a interações serve para quando se deseja possuir informações de canais que interagem com os vídeos captados pela palavra-chave, seria uma segunda ou mais camadas do universo pesquisado.

Com os resultados gerados pela ferramenta *Youtube Data Tools*, repassei para o *Planilhas Google* com os seguintes dados: nome do canal, descrição, data de publicação, visualizações no Brasil e inscritos. A segunda etapa do tratamento de dados foi excluir canais que não estavam ligados ao tema da busca, restando apenas 45 canais. Entre eles, nove eram canais oficiais de instituições de segurança oficial, 12 eram de agentes policiais - foco principal da pesquisa -, 21 eram dedicados a reportagens de vídeos de outros canais de policiais *youtubers* e dois eram voltados para a preparação de concursos públicos de segurança.

É importante considerar que o resultado gerado pelas duas palavras-chave selecionadas, apesar de apresentar resultados compatíveis, não condiz com a realidade da quantidade de canais existentes no *Youtube*. Lima (2022), em sua pesquisa produzida no ano passado, utilizou outras palavras-chave do universo dos canais *youtubers* e registrou cerca de “241 perfis, dos quais 43 eram canais oficiais de corporações policiais de diversas unidades da federação, 135 eram canais policiais não institucionais (foco da monografia) e 63 outro tipo de canal que tratavam da temática policial” (LIMA, 2022, p.13).

A partir do meu levantamento quantitativo, pude constatar que os únicos canais da tabela criados antes de 2012 são canais oficiais das corporações, o que indica que órgãos corporativos da polícia já ocupavam determinado espaço de criação de conteúdo, porém, nenhum ainda com o formato instaurado pelos policiais *youtubers*. Hipótese também compartilhada por Lima, que constatou que os 10 primeiros perfis “iniciaram postagens desse tipo de vídeo entre o ano de 2012 e 2015, havendo um aumento considerável desses perfis a partir do ano de 2016” (LIMA, 2022, p.19). Outro ponto importante desse recorte temporal é que os canais pessoais dos agentes que foram registrados no meu levantamento têm predominância entre os anos de 2016 a 2021, mesmo recorte em que há predominância das reportagens coletadas sobre esse universo, confirmando o contexto político no qual a pesquisa se localiza. Neste contexto, Bolsonaro começava a aparecer na mídia por levantar questões de segurança pública também abordadas no discurso dos policiais que ascenderam no campo político por essa perspectiva, tornando-se uma possibilidade eleitoral somente em 2018, no contexto em que novas representações como a dele começam a despontar.

PERFIL I: DELEGADO DA CUNHA

Diante desse cenário e com a informação de que “o Estado de São Paulo é o local onde foram mais iniciados canais” (Lima, 2022, p.22), sendo também o Estado onde se localiza a maior parte dos perfis que conseguem passar a margem de 500.000, selecionei dois perfis de

policiais *youtubers* para estudo de caso. O delegado Da Cunha e o capitão Derrite foram escolhidos pois são dois agentes de segurança pública que servem de objeto para o estudo da intersecção entre produções de mídia em redes sociais e carreira política. Para levantamento de dados das redes sociais dos perfis, investiguei cada conta enquanto produzia fichamentos e registrava informações consideradas importante para análise, como: seguidores, data de criação da rede, quantidade de posts e quantidade de contas que o perfil seguia.

Carlos Alberto da Cunha, conhecido como Delegado Da Cunha é policial civil, ex-delegado de polícia, político e *youtuber* brasileiro, atualmente eleito deputado federal do Estado de São Paulo pelo Partido Progressista (PP). Atua também como delegado de Polícia Titular da DISE (Delegacia de Investigação sobre Entorpecente) de São Bernardo do Campo. O delegado da Cunha é um dos maiores policiais *youtubers* do Brasil, sendo um dos primeiros a conquistar 1.000.000³⁰ de seguidores nas redes sociais. Seu canal no *Youtube* ganhou visibilidade após viralizar³¹ com gravação de vídeos de suas operações, nas quais ele tinha participação ativa. Quase todas as suas redes sociais³² levam o *username*³³ de Delegado da Cunha, menos o *Twitter*, que leva o nome de Da Cunha Delegado. A soma de todos os seguidores do delegado da Cunha gera o resultado de 8.028.290 seguidores³⁴, sendo o *Youtube* sua rede com mais inscritos. As redes sociais mais alimentadas pelo delegado são o *Instagram* e o *Youtube*, sua conta alcançou a soma de 367.340.906 visualizações.

O delegado criou sua conta na plataforma de vídeo em 23 de março de 2013, postando seu primeiro vídeo em 4 de outubro de 2014³⁵. Os primeiros vídeos postados pelo canal não eram produções feitas pelo *youtuber*, o que ele publicava eram vídeos de reportagens sobre operações que ocorriam na cidade de Santos em que ele aparecia dando entrevistas, com média de sete minutos de duração. Podemos considerar que esse ato de postar as reportagens nessa rede pode significar duas intenções: gerar um registro pessoal e compartilhar sua imagem em operações que chamaram atenção da mídia, o que retorna para uma tensão entre corporação e agente, quando o agente busca por essa atenção midiática direta para sua persona e não para a corporação. Em 7 de outubro de 2014, o delegado posta uma última reportagem,

³⁰ “A grande maioria, 104 canais, tem menos de 100 mil inscritos. Apenas 2 canais ultrapassaram a marca de 1 milhão de inscritos. São eles: DELEGADO DA CUNHA (iniciado em 2020, PC/SP) e ROCAM MAIS DE 1000 (iniciado em 2016, PM/AL)”. (LIMA, 2022, p.23).

³¹ Viralizar significa espalhar (se) de maneira a criar um efeito semelhante ao de um vírus. No campo da *internet*, é o termo utilizado para designar os conteúdos que acabam ganhando repercussão ou altos números de engajamento.

³² São elas: *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *Youtube*.

³³ Nome principal da conta em redes sociais.

³⁴ A soma foi feita a partir do número dos seguidores e inscritos das redes sociais citadas na nota de rodapé 16.

³⁵ A partir do momento que o usuário da rede cria a conta, ela só se torna um canal oficial após o primeiro vídeo postado.

deixando o canal inativo até 19 de novembro de 2019, quando ele retorna já postando vídeos no formato de gravação das operações. Abaixo, transcrevo a descrição do canal do delegado na qual ele se propõe a descrever o objetivo do canal:

“Um canal de documentários retratando a Rotina da Polícia Civil de SP no combate ao crime organizado e às facções criminosas.

O objetivo do canal é produzir conteúdo cultural para incentivar jovens a ingressar na honrosa carreira policial e se afastar do crime organizado.

Atualmente sou delegado da 8ª Seccional DECAP (Departamento de Polícia Judiciária da Capital) localizada em São Mateus, zona leste de São Paulo. Meu objetivo é mostrar o árduo trabalho da Polícia Civil na luta contra crimes no estado de São Paulo.

Operação Policial

♂ Investigação de Crimes

♂ Segurança Pública

Combate ao Crime Organizado

<https://twitter.com/DacunhaDelegado>

<https://www.instagram.com/delegadodacunha/>

<https://www.facebook.com/delegadodacunha>

<https://www.delegadodacunha.com/>

Contato para imprensa e parcerias: assessoriadacunha@gmail.com

Contato para denúncias: contatodelegadodacunha@gmail.com”

(Fonte: canal DELEGADO DA CUNHA no *YouTube*).

Segundo a descrição, o canal tinha como objetivo somente a produção dos vídeos de operação, uma produção que fosse controlada pelos próprios policiais, o que representa uma aproximação entre o público e a produção dos vídeos. A comunicação passa a ocorrer de maneira direta sem mediação dos veículos da mídia tradicional. Para além, a descrição também aponta que o canal deseja produzir conteúdo cultural para o jovem que quer se tornar policial; neste momento, creio que a referência está sendo feita aos vídeos com esse toque de entretenimento que aproxima o discurso do público mais jovem.

Estabelecido esse panorama das redes, é possível descrever como os vídeos e os canais estão organizados e como essa disposição foi sendo analisada para a escolha dos vídeos para análise. A parte inicial³⁶ do canal possui uma lista com os vídeos mais acessados, *playlists* criadas e os *shorts*. Na parte nomeada “Vídeos”³⁷, o inscrito tem acesso a uma lista com os vídeos mais acessados e uma lista com vídeos em alta, organizados por ordem cronológica decrescente, sendo que o vídeo mais recente nesta lista tinha sido postado há seis dias da data de meu acesso (09/07/2023). A terceira parte se nomeia “Shorts”³⁸. O *YouTube Shorts* é um recurso da plataforma em que você grava, compartilha e assiste vídeos curtos (com até 60 segundos) na própria plataforma. Os vídeos postados neste formato possuem a mesma

³⁶Conferir Anexo I.

³⁷Conferir Anexo II.

³⁸Conferir Anexo III.

configuração que os *Stories*; nele, os usuários postam fotos e vídeos curtos. Porém, diferente do *Shorts*, as postagens dos *Stories* podem ser vistas pelos seus seguidores por até 24 horas, quando desaparecem. O vídeo mais visto do canal de da Cunha no formato *Shorts* possui 9.900.000. A parte “Ao Vivo”³⁹ arquivava os vídeos produzidos pelo recurso *Youtube Ao Vivo*, em que o dono do canal pode produzir transmissões ao vivo pela própria plataforma. A última transmissão foi feita há quatro meses e o “Ao vivo” mais visualizado é o vídeo em que da Cunha fala sobre sua polêmica⁴⁰ com a corporação, com 3.007.000 acessos.

Uma característica do recurso *Ao Vivo*, é que o *youtuber* aproveitou para produzir vídeos no formato de *podcast*. O nome do *podcast* é “Da Cunha na escuta” e possui cerca de 40 vídeos, nele o policial recebe diversas personalidades, mas seu foco principal é receber políticos como Coronel Telhada, Major Palumbo, entre outros policiais ou personalidades na *internet* que discutem segurança pública. Em alguns desses vídeos ao vivo, o delegado também utiliza do formato clássico do jornalismo policial para anunciar notícias do dia, esse tipo de vídeo ele nomeou de “TV Da Cunha”. O delegado seleciona algumas notícias sobre segurança, normalmente as que tiveram em evidência na semana e promove declarações sobre. Outro tipo de vídeo é o Da Cunha fazendo ações solidárias nas comunidades da cidade de São Paulo ou Santos e alguns vídeos com dicas de estudo. A aba “*Podcast*” possui *playlists* com episódios dos *podcasts* gravados com convidados e também uma *playlist* com cortes das conversas gravadas. O *podcast* do delegado também está disponível no [link https://anchor.fm/delegado-dacunha](https://anchor.fm/delegado-dacunha). Nesse formato, o vídeo com mais visualizações possui 1.600.000 acessos e as entrevistas possuem mais de uma hora de duração.

A aba das *playlists* organiza os vídeos do canal por temáticas dos vídeos. Eles estão listados pelos seguintes títulos:

BASTIDORES DE BRASÍLIA
 Política
 Trailers
 2023- Novas Operações
 De volta as operações
 OP SÃO PAULO- BIQUEIRAS [T02]
 OP SÃO PAULO - CRACOLÂNDIA [T01]
 PODCAST DA CUNHA NA ESCUTA
 REACT
 CORTES DO PODCAST DA CUNHA NA ESCUTA
 PODCAST DA CUNHA NA ESCUTA

³⁹ Conferir Anexo IV.

⁴⁰ O delegado da Cunha responde a diversos inquéritos por conta das suas gravações e postagens nas redes sociais. Segundo o conjunto de reportagem levantado, a principal acusação é que o agente obteve vantagens pessoais e econômicas com esses vídeos exibidos nas redes sociais, lucrando com o nome da corporação por meio de contratos publicitários e com a monetização dos vídeos, o que configuraria o crime, sendo, assim, afastado de suas funções.

DACUNHA SHOTS
 INSTITUTO DA CUNHA PROJETO E SUPERAÇÃO
 TREINO DE COMBATE
 RESGATE ANIMAL
 DA CUNHA NA ESCUTA
 SEQUESTRO DO BATATEIRO
 JAGUNÇO DO SAVOY
 OPERAÇÃO DECAP 8
 BATE PAPO COM DA CUNHA
 OPERAÇÃO COMBATE TODOS
 (Fonte: canal DELEGADO DA CUNHA no *YouTube*).

A aba “Comunidade” funciona como uma rede social dentro do *Youtube*, na qual os usuários podem fazer postagens com pequenos textos, imagens ou vídeos. O da Cunha utiliza essa ferramenta para fazer postagens de divulgação dos próprios vídeos e, agora, de ações que ele pratica como deputado federal do Estado de São Paulo.

Por último, a aba “Canais” contém canais secundários dos *youtubers* ou canais que o *youtuber* segue; no caso do da Cunha, não existe nenhum dos dois.

A partir dessas observações e da descrição geral do canal, foi selecionado parte do conteúdo audiovisual produzido pelo delegado da Cunha. Foram escolhidos 10 vídeos do delegado da Cunha, sendo três de operações com mais visualizações do canal; três de declarações dele sobre temas de segurança pública, como pena de morte, tráfico de drogas, roubo, legalização das drogas; dois do *podcast* “Da Cunha na Escuta”; e dois do delegado atuando em projetos sociais. Os vídeos foram escolhidos pelo critério de visualizações e quantidade de *likes* e comentários; ademais, foi importante escolher pelo menos um de cada formato produzido pelo delegado para ter uma noção mais aprofundada de quantos tipos de análise ele produz.

PERFIL II: CAPITÃO DERRITE

Guilherme Muraro Derrite, conhecido como capitão Derrite, se tornou secretário de segurança do Estado de São Paulo nomeado pelo atual Governador do Estado Tarcísio de Freitas (Republicanos). Capitão Derrite iniciou sua carreira militar no ano de 2003, em 2010 ocupou o cargo de 1º tenente da PM, onde assumiu o comando da ROTA⁴¹ (Rondas

⁴¹ A Rota foi gestada como um batalhão de elite, apresentando, desde o seu início, altos índices de letalidade que ainda a caracterizam, bem como a formação de esquadrões da morte atuantes nas periferias da cidade. Suas práticas de violação de direitos humanos ficaram mais conhecidas com a participação do batalhão no caso “Rota 66” (investigado no livro de Caco Barcellos), no massacre do Carandiru e nos crimes de maio de 2006. (10 Batalhão de Polícia de Choque - Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (ROTA). In: Verbete. São Paulo, Memorial da resistência de São Paulo. Disponível em: <http://memorialdaresistencia.org.br/edital-memorias-do-presente/>. Acesso em: 2 julho de 2023).

Ostensivas Tobias de Aguiar) até o ano de 2013. No ano de 2018, o capitão foi eleito deputado federal pelo Estado de São Paulo pelo Partido Progressista (PP).

Suas redes somam juntas o total de 3.923.000 seguidores, sendo o *Facebook* a rede social que o capitão possui mais seguidores. As redes sociais mais alimentadas pelo capitão são o *Youtube* e o *Facebook*. Suas redes carregam dois *usernames* (Capitão Derrite ou Guilherme Derrite).

Sua conta no *Youtube*, com o total de 10.274.750 visualizações, foi criada em 11 de janeiro de 2016. O primeiro vídeo, postado em 12 de janeiro de 2016, é um recorte do programa *Polícia 24 horas*. Nesse corte, o capitão aparece atuando em uma abordagem. O canal do capitão Derrite, diferente do canal Da Cunha, possui poucos formatos de vídeos, em resumo são: *podcasts*, vídeos de operação, declarações sobre temas de segurança e alguns de ação social. O canal não possui muita informação visual em relação aos objetivos do canal e qual o tipo de produção que visa oferecer, o que já demonstra um pouco do perfil do capitão. O nome do *podcast* é “Papo de Rota” e se dedica a gravar e compartilhar conversas sobre temas da segurança pública de São Paulo com oficiais da segurança do Estado de São Paulo. Na capa do seu canal⁴², ele promete gerar conteúdo sobre análise dos principais fatos do Brasil. Na aba inicial⁴³, há só quatro vídeos, organizados por ordem de postagens recentes. Na aba seguinte, “Vídeos”⁴⁴, o inscrito pode selecionar entre os vídeos mais acessados e vídeos mais recentes. Na aba seguinte, nomeada de “Ao Vivo”,⁴⁵ o canal possui sete vídeos de *lives* gravadas, cinco são dedicados ao *podcast* Papo de Rota e, entre os restantes, um é uma aula sobre concurso para polícia e outro um debate sobre evento criminoso que ocorreu em Araçatuba⁴⁶. Na parte das *playlists*⁴⁷, estão duas pastas com vídeos de temporadas do *podcast*, sendo que uma se dedica ao armazenamento dos cortes do bate-papo e outra leva o nome de política. Na pasta política, os vídeos são do capitão Derrite já atuando como deputado federal e, nesses vídeos, ele se dedica a discutir sobre temas, programas e projetos de lei sobre

⁴² Conferir Anexo V.

⁴³ Conferir Anexo VI.

⁴⁴ Conferir Anexo VII.

⁴⁵ Conferir Anexo VIII.

⁴⁶ Criminosos fortemente armados atacaram três agências bancárias no centro da cidade. Eles renderam moradores, que foram feitos reféns e colocados em cima de veículos. Houve um intenso tiroteio. Os bandidos queimaram veículos e espalharam explosivos por 20 pontos da cidade. Criminosos fortemente armados atacaram três agências bancárias no centro da cidade. Eles renderam moradores, que foram feitos reféns e colocados em cima de veículos. Houve um intenso tiroteio. Os bandidos queimaram veículos e espalharam explosivos por 20 pontos da cidade. (Terror em Araçatuba: veja imagens da ação criminosa que deixou mortos e feridos. G1, Araçatuba, 30 de Agosto de 2021. Disponível: <https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2021/08/30/terror-em-aracatuba-veja-imagens-da-acao-criminosa-que-deixou-mortos-e-feridos.ghtml>. Acesso: 02 de Julho de 2023).

⁴⁷ Conferir Anexo IX.

segurança pública em *lives*. O seu vídeo mais acessado possui 1.429.167 visualizações. Em comunidade, rede social dentro da plataforma *Youtube*, o capitão fez apenas duas postagens, uma em que ele agradece a placa de cem mil inscritos do *Youtube* e outra dedicada a divulgar um projeto de lei.

POLICIAIS YOUTUBERS: DELEGADO DA CUNHA x CAPITÃO DERRITE

CARREIRA CIVIL E MILITAR

Nos perfis dos policiais *youtubers*, os vídeos de operações são os mais acessados, porém a forma que eles são produzidos se modifica de acordo com a carreira do policial do usuário do canal. O fator carreira civil ou militar orienta os processos que serão registrados e compartilhados em seus canais.

O delegado da Cunha, por ser um policial civil, possui gravações de operações especiais, com investigações relacionadas ao combate ao tráfico de drogas ou a grupos de crimes organizados como o Primeiro Comando da Capital (PCC). Para além, o delegado se dedica a explicar para o público cada etapa do processo das operações, inclusive possíveis investigações que antecederam a parte prática. Por exemplo, o vídeo mais assistido pelos inscritos do da Cunha tem como título “Operação Policial: Prisão do Jagunço⁴⁸”, e é dividido em três partes. Nesta perspectiva, é interessante pensar que as operações mais vistas são divididas em episódios, o que segura o público e trata as gravações como uma espécie de série documental do gênero de ação, cujo objetivo final é prender o criminoso. Para justificar a operação ou as ações que foram gravadas no vídeo, o delegado sempre descreve como operações pequenas estão ligadas a investigações maiores, que pequenas apreensões podem gerar resultados para contribuir em casos de mais importância. Existem vídeos de operação que se resumem a pequenas abordagens ou investigações de caráter simples, porém no vídeo e no discurso do delegado ganham uma conotação maior.

No vídeo OPERAÇÃO POLICIAL #32: O BUNKER do TRÁFICO com SISTEMA DE VIGILÂNCIA- DELEGADO DA CUNHA PCSP, postado no canal do delegado em 05 de novembro de 2020, da Cunha e a sua equipe passam mais de meia hora do vídeo quebrando um lugar onde possivelmente ocorria venda e compra de drogas, sem nenhum flagrante, um lugar vazio. Narradas por da Cunha, todas as ações que envolveram aquela

⁴⁸ Segundo o delegado da Cunha “o Jagunço é membro da facção responsável pelo tribunal do crime na zona leste de São Paulo”. (minutagem 0:35. Vídeo: Operação Policial: Prisão do Jagunço Parte 1. Acesso em 19 de junho de 2023).

atividade, tais como quebrar o portão, escalar uma parede ou arrancar uma escada, foram colocadas como perigosas e que arriscaram a vida dos policiais em ação.

Durante o vídeo do Jagunço, mencionado acima, ele torna a operação em algo maior⁴⁹, quando prefere adiar a execução da operação para o dia seguinte, mesmo com alguns agentes da equipe dele argumentando que a operação poderia ser facilmente cumprida naquele dia. A justificativa utilizada pelo delegado é que, adiando a operação, ele poderia mobilizar mais agentes, equipamentos e veículos. Outro exemplo pode ser encontrado no final do vídeo “Operação Policial: Prisão do Jagunço –PARTE 3”, quando o policial civil se dirige ao público e mais uma vez começa a descrever os crimes do Jagunço, adicionando mais um caso que o ligava a um crime planejado por integrantes do PCC, conectando, assim, a prisão de um homem ao desmantelamento de toda uma estratégia ligada ao PCC. Ou seja, sua carreira como civil influencia na construção das narrativas de suas operações, tornando-as chamativas para que tragam a impressão de sempre se tratarem de crimes maiores, além da estratégia de transformar as operações em séries investigativas divididas em blocos.

Já o capitão Derrite, por ter construído sua carreira como policial militar, prioriza exibir patrulhas cotidianas em sua época de ROTA, em que as atividades ocorrem no cotidiano urbano em busca de flagrantes e reações ostensivas. No seu *podcast* “Papo de ROTA”, o capitão recebe agentes de segurança do serviço militar, e as conversas giram bastante em torno de abordagens policiais. Por exemplo, em uma de suas entrevistas com o convidado Sargento Galesco, os dois têm o seguinte diálogo⁵⁰:

Capitão: Foi a primeira ocorrência que você meteu bala, assim?

Sargento: Foi aquela foi verdadeira

Capitão: TOP!

Sargento: foi 18 preso morreu, 20 feridos, morreu dois caras tá, bem do lado de fora

Capitão: 18 vagabundo pro saco?

(Fonte: canal CAPITÃO DERRITE - PAPO DE ROTA no YouTube).

Os diálogos giram em torno de atendimentos de ocorrências na cidade de São Paulo, sendo as que mais têm confronto a escolha dos policiais para o bate papo, mais uma vez demonstrando que o tipo de carreira policial (civil ou militar) modifica o tipo de conteúdo produzido pelo canal.

⁴⁹ A câmera volta a focar no da Cunha, ele está explicando porque acredita que a prisão deve ser efetuada no dia seguinte. O que transformaria a operação em algo maior, com mais agentes, outras especializações, com uma estratégia de cercar ruas que estão em volta da casa. Alguns agentes estão insistindo que hoje daria pra fazer tranquilo. (Minutagem 5:30. Vídeo: Operação Policial: Prisão do Jagunço Parte 1. Acesso em 19 de junho de 2023).

⁵⁰ O Derrite começa a instigar o Sargento a contar histórias que continham mais ações, mais combate. (Minutagem: 25:04. Vídeo: PAPO DE ROTA, com Sargento Galesco/ Temporada 2/ Episódio 19. Acesso 20 de Junho de 2023)

DISCURSOS DIRETOS E INDIRETOS

O capitão Derrite possui um discurso mais direto, e conversa diretamente com um nicho de público que é específico não só da polícia, mas também da classe ideológica mais conservadora. No levantamento jornalístico e na análise dos vídeos, foi possível identificar diversas reportagens que contêm falas polêmicas do agente, sendo mais fácil fazer a leitura das suas declarações em relação a temas de segurança pública. O foco do Capitão Derrite está totalmente no discurso e nas narrações sobre sua experiência como um policial da ROTA. A imagem, o cenário e até o modo como ele gesticula, todos estão voltados para que o centro seja o discurso oral. Temas como o programa das câmeras em policiais, afastamentos de agentes da corporação envolvidos em ocorrências em que suspeitos são mortos, a saída temporária de pessoas em condição de encarceramento, entre outros temas, são propagados pelo capitão com falas sempre reducionistas, baseadas em um senso comum que parte da ideia central de “bandido bom é bandido morto” e que todas as ações da polícia fazem parte única e exclusivamente dos processos oficiais até que se prove ao contrário.

O delegado da Cunha, por sua vez, possui um discurso mais suavizado e, como seus vídeos bebem mais do entretenimento, ele consegue alcançar um público fora do universo policialesco. Para além, os seus vídeos possuem recursos de imagens, construções de narrativas embaladas por edições e efeitos especiais, o que torna a propagação do seu discurso mais fácil de ser digerida e consumida. Nos momentos em que ele se dedica a conversar com o público para explicar os processos da operação, ou em vídeos que ele se propõe a falar sobre questões de segurança pública, o delegado sempre escolhe falar pelas entre linhas. Raramente ele declara seu posicionamento de maneira direta. E a utilização de tantos recursos embala o público em todas as voltas que ele dá antes de decretar seu posicionamento final.

Da Cunha grava vídeos em que ele só se dedica a conversar com o público sobre temas de segurança, respondendo a perguntas dos seguidores por telefone. As perguntas são diversas, indo desde relações internas entre os policiais, relação entre a hierarquia das corporações, opiniões sobre problemas de segurança, roubo, tráfico de drogas, sequestro, até dúvidas pessoais sobre abordagem policial, enquadros⁵¹, questões da justiça criminal ou de

⁵¹ Nos vídeos, as abordagens são definidas como enquadros, esse termo é utilizado popularmente para identificar ações truculentas de policiais em abordagens cotidianas. “O número de abordagens, ou enquadros, registrados pela Polícia Militar de São Paulo cresceu cerca de 375% entre 1997 e 2017 na cidade de São Paulo, de acordo com os dados oficiais levantados pela pesquisadora Jéssica da Mata, advogada da ONG Innocence Project Brasil e pesquisadora da USP (Universidade de São Paulo). A pesquisa de Jéssica se transformou no livro *A Política do Enquadro* (Revista dos Tribunais), em que ela revela as transformações na forma como acontecem os enquadros

temas abordados em concursos. Em dois momentos específicos, o delegado se propôs a falar diretamente sobre legalização das drogas e pena de morte.

Seu discurso levanta vários questionamentos e sempre reforça que o debate é importante e necessário, mas sempre os finaliza com afirmações que batem com o senso comum e com soluções simplificadas para temas tão complexos. Ou seja, o discurso dele em termos de conteúdo não se diferencia dos discursos do capitão Derrite, mas esse processo de suavização, de se colocar à disposição até da escuta de outros lados serve como máscara para suas declarações. O fato da presença dele em *podcasts* como o PODPAH⁵² e o MANO A MANO⁵³ representa muito esse perfil que consegue estar em todos os espaços. O formato que ele utiliza em suas falas é uma adaptação da linguagem policlesca da televisão para o *Youtube*, em que ocorre esse diálogo direto entre o policial e o público, muito utilizado em *vlogs*⁵⁴, o delegado sabe como se relacionar com a câmera.

POSICIONAMENTO POLÍTICO

Da Cunha, em seus discursos, trata da questão partidária de maneira mais esporádica. Ao se propor a falar sobre questões voltadas sobre a política oficial, ele prefere utilizar o famoso “nem direita e nem esquerda”, em que ele critica a polarização dos partidos. Em um dos seus vídeos, o delegado diz que “A polarização e os debates políticos, os interesses pessoais de partidos são tão grandes que eles não conseguem hastear uma bandeira branca nem para fazer um projeto de educação de 20 a 30 anos, independente do partido”. (minutagem 44:41. vídeo: PODCAST DA CUNHA NA ESCUTA: com ligações. Acesso 23 de Junho de 2023).

pela Polícia Militar paulista, como fruto de um pacto político realizado no final dos anos 1990 com o objetivo de “conferir credibilidade à instituição e garantir a sua sobrevivência em um contexto de profunda crise de legitimidade”. A pesquisadora conclui que os enquadros são sintomas de uma agenda político-criminal antipopular e antidemocrática, que produzem e reproduzem processos de hierarquização social, como o racismo e a desigualdade de classe, fundados em espaços determinados.” (Enquadros da PM são mais invasivos nas periferias e rendem até folgas a policiais. RAMOS, Beatriz Drague. Ponte Jornalismo, São Paulo, 16 de Agosto de 2021. Disponível: <https://ponte.org/enquadros-da-pm-sao-mais-invasivos-nas-periferias-e-rendem-ate-folgas-a-policiais/>. Acesso:02 de Julho de 2023).

⁵² Criado pelos apresentadores Igor Cavalari (Igão) e Thiago Marques (Mítico), e pelo empresário Victor Assis, o Podpah é um dos maiores criadores de conteúdo da *internet* no Brasil, sendo o *podcast* mais ouvido no *Spotify* em 2022.

⁵³ Mano a Mano é um programa de *podcast* apresentado por um dos maiores *rappers* da atualidade, o Mano Brown, integrante do grupo de rap Racionais MCs. No *podcast*, ele conversa com personalidades distintas sobre diversos assuntos.

⁵⁴ *Vlog* é a junção das palavras (vídeo + blog), um tipo de produção em que os conteúdos predominantes são os vídeos. Consiste em vídeos gravados em primeira pessoa para que o seguidor tenha a sensação de viver a experiência através do vídeo.

Porém, é interessante problematizar que as pautas escolhidas pelo delegado são posicionamentos ligados à ideologia conservadora. Para além, a linha de escolhas do da Cunha em relação às suas filiações a partidos políticos⁵⁵ revela um pouco sua posição política. Importante ressaltar que o fato do delegado da Cunha assumir esse papel não significa que ele não reforce e propague de forma suavizada os mesmos discursos que Derrite, sendo assim um perfil mais volúvel.

O capitão Derrite possui um posicionamento ideológico ligado ao campo bolsonarista, seu discurso contém falas de caráter conservador que representam ao máximo esse tipo de agenda política. O capitão fala muito sobre a defesa da família, os valores dos homens do bem, e, em um dos seus vídeos, ele chega acusar os ex-governos de centro-esquerda de transferir dinheiro para países onde ditaduras socialistas estão instauradas. As reportagens também indicam o Derrite como um dos deputados que compõem a cúpula do ex-presidente Jair Bolsonaro, inclusive seu atual cargo de secretário de segurança é considerado por algumas manchetes uma escolha feita pelo governador Tarcísio de Freitas como uma maneira de manter a ligação com o Bolsonarismo.

ENGAJAMENTO NAS REDES

O delegado da Cunha é considerado atualmente o principal policial *youtuber* do Estado de São Paulo e do Brasil. Ele foi um dos primeiros alcançar a marca de um milhão de inscritos no *Youtube* e é o *influencer* que mais conquistou contratos milionários de propagandas⁵⁶ e divulgações no seu canal. Além disso, ele foi um dos criadores que mais lucrou com a monetização⁵⁷. O delegado também tem um inquérito da corregedoria que

⁵⁵ São eles: PSD (2020-2021) MDB (2021-2022) e PP (2022-presente).

⁵⁶ Um bom exemplo em relação a valores está na relação do delegado da Cunha com um dos donos da marca LOKAL. Ao dar um dos depoimentos que mais pesaram na abertura do novo inquérito. Silva, dono da Lokal, disse ter repassado por um ano e sete meses uma mensalidade de R\$ 25 mil, ou R\$ 475 mil ao todo, como espécie de patrocinador ou investidor do delegado no YouTube. (PAGNAN Rogério. Polícia investiga delegado Da Cunha por lavagem de dinheiro após descobrir 'mesada' de empresário. Folha de São Paul, São Paulo, 29 de Setembro de 2021. Disponível: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/09/policia-investiga-delegado-da-cunha-por-lavagem-de-dinheiro-apos-descobrir-mesada-de-empresario.shtml?_gl=1*16mxt9y*_ga*NjQ3ODgwMDMyLjE2ODAwMjc5MDA.*_ga_RY1LTN28TR*MTY4MDAzODY0MS4zLjEuMTY4MDA0MDk5OS42MC4wLjA . Acesso: 03 de Julho de 2023).

⁵⁷ “O *Youtube* não fornece para nos inscritos a informação se o canal ativou ou não o recurso de monetização, porém em reportagens que discutem a monetização do Da Cunha declaram que ele poderia alcançar cerca de 2.100.000,00 reais por monetização (De acordo com o Social Blade, ferramenta usada pelo jornalista Nelson Lima Neto para calcular os ganhos anuais do *influencer* Felipe Neto em sua biografia, estima-se que o canal de Da Cunha, se fosse monetizado, teria potencial de arrecadar, por mês, entre US\$ 2 mil (R\$ 10,8 mil) e US\$ 32,5 mil (R\$ 176,7 mil). Um valor que poderia chegar a US\$ 389,5 mil (R\$ 2,1 milhões) anuais. São 3,6 milhões de inscritos, ávidos por conhecer os bastidores do combate ao crime. (LEAL, Arthur. Policiais „youtubers”: delegado Da Cunha é um de centenas de agentes que desafiam instituições e mantêm canais que, somados, ultrapassam a 1 bilhão de visualizações. O Globo, São Paulo, 10 de Setembro de 2021. Disponível:

investiga seus contratos publicitários, apesar de negar por um bom tempo que seu canal tivesse fins lucrativos.⁵⁸ O capitão Derrite não possui tanto engajamento como o delegado em termos de números e visualizações; o canal do da Cunha é maior; porém, por conta da sua posição dentro da corporação militar, ele possui grande reconhecimento entre seus pares, o que gera bastante visualização. Esse ponto foi possível de observar pelos comentários, nos quais muitas pessoas falam da atuação do agente na ROTA registrado pelo Polícia 24 Horas. O capitão também abarca uma parcela de seguidores bolsonaristas que o elogiam pelas suas falas relacionadas a políticas duras de punição para criminosos.

RECURSOS DISCURSIVOS MOBILIZADOS

A partir dos autores David Garland e Vera Malaguti, alcancei alguns resultados ao identificar recursos discursivos mobilizados nas produções dos policiais. Na obra *A cultura do controle do crime e ordem social na sociedade contemporânea*, de Garland (2008), o sentimento público envolvido em casos criminais ganha popularidade em campos oficiais e não-oficiais. Como diz o autor "a referência regular a estes sentimentos serviu para aprofundar sua dependência da imaginação moral e para justificar muito do que se fez em seu nome". (Garland, 2008, p.53). Ou seja, o sentimento coletivo surge como um recurso utilizado para justificar determinadas ações em nome da segurança. O tom do discurso das produções dos canais policiais estimula e usa como recurso esse mesmo sentimento, justificando assim ações que facilmente ferem direitos humanos em nome do combate ao crime.

Em alguns vídeos, o delegado da Cunha sempre descreve o sentimento da equipe antes de cumprir as ações. O delegado, que minutos antes, em um vídeo, estava descrevendo todo o processo da operação como estratégico, começa a descrever seus sentimentos de vingança. Quando ele diz que a equipe está no veneno para cumprir a prisão, significa que a equipe está também utilizando de um lado pessoal para cumprir uma função profissional, o que traz para o público a sensação de que todo o processo tem uma motivação emocional, de vingança, e dá

<https://oglobo.globo.com/brasil/policiais-youtubers-delegado-da-cunha-um-de-centenas-de-agentes-que-desafiam-instituicoes-mantem-canais-que-somados-ultrapassam-1-bilhao-de-visualizacoes-25231480>. Acesso 18 de Maio de 2023).

⁵⁸ "A Corregedoria da Polícia Civil de São Paulo instaurou inquérito para apurar suposta lavagem de dinheiro praticada pelo delegado Carlos Alberto da Cunha, 43, conhecido como Da Cunha, em possível tentativa do policial de ocultar quase R\$ 500 mil pagos a ele por empresário do ramo de sucatas".(Acesso 18 de Junho de 2023. (PAGNAN Rogério. Polícia investiga delegado Da Cunha por lavagem de dinheiro após descobrir 'mesada' de empresário. Folha de São Paul,São Paulo, 29 de Setembro de 2021. Disponível: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/09/policia-investiga-delegado-da-cunha-por-lavagem-de-dinheiro-apos-descobrir-mesada-de-empresario.shtml?_gl=1*16mxt9y*_ga*NjQ3ODgwMDMyLjE2ODAwMjc5MDA.*_ga_RY1LTN28TR*MTY4MDAzODY0MS4zLjEuMTY4MDA0MDk5OS42MC4wLjA . Acesso: 03 de Julho de 2023).

ao enredo do vídeo uma perspectiva de mais ação/entretenimento. As ações narradas não possuem contexto, ele só joga como justificativa do ódio que a equipe está ou que a equipe quer prender por conta das vezes que ele já fugiu. Possui sempre uma conotação de razões emocionais. Justificativas, por exemplo, de razões oficiais não aparecem. Todas as descrições dos suspeitos possuem um caráter muito pessoal, de personalidade, de constituição de um ser ruim. Nada é muito protocolar sobre os crimes cometidos. A mobilização desse sentimento coletivo transparece no vídeo como um sentimento compartilhado por ele, pela equipe e pelo público que o acompanha.

Garland aponta que “Os interesses e os sentimentos das vítimas agora são rotineiramente invocados em apoio às medidas de segregação punitiva” (Garland, 2008, p.55). Este sentimento também pode ser utilizado de maneira visual, quando “imagens publicadas de vítimas reais servem de metonímia personalizada da vida real”. (Garland, 2008, p.55)

Esse recurso também é utilizado nos vídeos dos policiais, a vítima agora não é só aquela envolvida na situação, ao mesmo tempo que ela é individualizada, ela é coletiva. Para além, os dois policiais utilizam do seu lugar para poder falar pela população. Cito abaixo dois exemplos coletados dos vídeos.

“É o que eu falo o tráfico oprime. O tráfico está sempre oprimindo o trabalhador da comunidade. A pessoa sai da favela às 5 da manhã para trabalhar preocupada com o tráfico. Ela volta às dez da noite preocupada com o tráfico e não contente eles vêm e invadem a casa dos outros para construir um muro”. (Delegado da Cunha. Minutagem 33:36. CANAL DELEGADO DA CUNHA. Acesso: 18 de junho de 2022).

“Imagina que você está sentado no sofá da sua casa por volta das oito horas da noite com sua esposa e seus filhos, aproveitando aí o final do domingo do seu final de semana. E seis bandidos (aumenta o tom) entram na sua residência com revólveres, pistolas, espingardas, calibre doze, isso mesma espingarda calibre 12, uma arma longa que é capaz de desconfigurar qualquer pessoa apenas com um disparo. (a fabricação do medo, a descrição de cenas que possivelmente devem te deixar apavorado) E como se isso não bastasse amarraram e amordaçaram toda uma família, uma situação de extremo desespero. Aí quando chega a polícia é uma situação de extremo alívio (ele fala pelas vítimas), principalmente se você e sua família não sofreram qualquer mal físico fora o impacto psicológico né que às vezes ele é irreparável para as vítimas que passam por uma situação feita essa”.(Capitão Derrite. Minutagem: 2:15. CANAL CAPITÃO DERRITE. Acesso: 20 de junho de 2018)

Nos dois vídeos, os policiais não só falam pela população como exaltam o sentimento delas como vítimas, e pedem para que o inscrito que está vendo o vídeo se imagine naquela situação. A maneira de justificar ações truculentas contra crimes de todos os tamanhos é instigando a imaginação de que a ação dos policiais é um reflexo desse mal que os criminosos cometem à população.

As personas que compõem a população aparecem em vários papéis controversos nas produções. Durante o vídeo, muitas vozes de crianças e moradores surgem de fundo, o que me

gerou certa sensação de agonia, mas, por parte dos inscritos, deve ser naturalizado que determinadas ações ocorram em plena luz do dia. Não está dimensionado no vídeo em momento nenhum o cuidado que se deve ter, por exemplo, com as crianças que vivenciam aquela condição enquanto os policiais correm um atrás de alguém com armas de alto calibre. Quando o vídeo grava alguma pessoa, as primeiras reações que transparecem são de medo e desconforto, ao mesmo tempo que existe uma relação paternal em que se deve obediência para gerar proteção. Com um cenário mais limpo visualmente, o capitão tem, além de objetos, o discurso e sua experiência. Sua experiência como policial legitima o seu discurso em relação aos criminosos. Durante suas falas, ele recorre muito aos sentimentos das vítimas e como é justificável a morte em nome do sofrimento psicológico que as vítimas sofreram. Também recorre à família, à proteção da família e se coloca como “nossa família”, no sentido de estender e ampliar o perigo que ocorreu com famílias específicas, como se esse fato pudesse atingir todas as famílias.

Na obra *O medo na cidade do Rio de Janeiro*, Vera Malaguti (2003) defende a tese de que a fabricação do medo coletivo e a teatralidade da ordem discursiva passam a ser utilizadas na produção de políticas de exclusão das classes mais pobres. Ou seja, dentro das estratégias de propagação do medo coletivo, as políticas de segurança ganham apelo popular, fortalecendo sistemas de controle social.

O delegado da Cunha, durante a operação do Jagunço, recorre ao sentimento da comunidade, como se a comunidade tivesse que se revoltar, pois os crimes do Jagunço fazem mal para a própria comunidade; então, ele incita o sentimento de indignação. O mecanismo em que o medo é fabricado em nome da proteção da própria comunidade, na verdade, é revertido em leis de controle e punição para pessoas que moram nela. O quanto esse discurso estimula pessoas que moram em comunidade a defender ações que são contra elas mesmas, como se fosse um ciclo vicioso? A fabricação das ondas de medo parte da necessidade de intensificar as políticas de lei e ordem que prevalecem desde o modelo colonial escravista. Além disso, são utilizadas para a neutralização e disciplinamento das massas empobrecidas. A relação entre a origem desse recurso com o discurso e as imagens dos vídeos dos policiais é que o medo é utilizado como justificativa de ações que visam o extermínio de corpos que ameaçam a ordem.

Outro ponto é que todas as estratégias de controle eram focalizadas na neutralização de pessoas negras, pois o medo passou a se concretizar em um alvo considerado inimigo do Estado e das elites senhoriais, o que nos faz refletir sobre quem são os criminosos das produções de perseguição dos policiais *youtubers*. A localidade e o corpo social escolhido

para estarem nos vídeos não são escolhas aleatórias. A propagação da violência policial, ao invés de causar repúdio, reforça as políticas de controle da população periférica do país. Em um dos vídeos o Delegado da Cunha inicia apresentando o criminoso e repetindo diversas vezes o fato dele praticar a punição no tribunal do crime, cometer homicídios e ser fugitivo, é um discurso que busca reforçar as justificativas do que vai ser feito em minutos seguintes. Durante a operação, o delegado passa a gravar o criminoso da cabeça aos pés e, na imagem, foca nas tatuagens que ele tem, o que pela linguagem visual é uma maneira de identificar o inimigo. Para além de vídeos de operação, algumas abordagens não são contextualizadas para o público, elas vão acontecendo pelo olhómetro dos agentes.

Um questionamento importante a se fazer é quais são as pessoas que estão sendo abordadas? O capitão Derrite, em um de seus *podcasts*, passa a comparar os tipos de criminosos da época da ditadura com os atuais, e é interessante pensar na perspectiva de como a construção da definição de crime se modifica e, muitas vezes, é embasada na exclusão e desmantelamento de massas mais pobres, consideradas improdutivas para o sistema atual. Outro ponto é que o delegado da Cunha sempre se refere a esse inimigo como “eles”, cabendo também tomar nota do fato de que, ao usar constantemente e de maneira pouco específica “eles”, podendo esses ser, traficantes, facção criminosa etc., o delegado deixa margem para que dentro “desses” se inclua a população das periferias nas quais eles agem. Portanto, em seu discurso, ao ser pouco específico ao caracterizar esse inimigo a ser aniquilado, ele inclui pessoas periféricas, tendo em conta que, no discurso policialesco, o “nós” é sinônimo de bem, moral e honestidade, enquanto “eles” são criminosos, degenerados e marginais. Uma lógica bastante dicotômica e binária.

As diferenças entre os dois perfis modificam a produção dos vídeos, o que pode ampliar ou diminuir o engajamento dos canais; porém, não ser tão engajado não representa não ser conhecido pelo nicho que acompanha esse tipo de produção. O tom do discurso das produções dos canais policiais estimula e usa como recurso o sentimento público para justificar e naturalizar ações cotidianas em nome do combate do crime. O discurso sobre o sentimento público recorre ao recurso visual do papel da vítima individualizada, mas que também é coletiva. As estratégias de propagação do medo coletivo reforçam o apelo popular por políticas e ações de controle social em espaços informais e formais. O imaginário do medo coletivo é responsável pela construção do inimigo interno que se torna foco das estratégias de controle do Estado e esses corpos sociais considerados desviantes compõem os enredos dos vídeos dos policiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas em conjunto com os levantamentos e leituras da bibliografia, foi possível demonstrar que os *policiais youtubers* continuam mobilizando recursos discursivos que são tradicionalmente utilizados por conteúdos de mídia policiaiscos. Porém, o que ocorre através das redes sociais é a transformação na linguagem. As redes sociais passam a permitir uma comunicação mais direta com o público e o perfil comandado pelos próprios policiais aumenta a possibilidade dos formatos de conteúdos que podem ser criados. Tornando o canal um espaço onde os agentes passam a abordar outros temas que não sejam sobre segurança pública.

Partindo da análise de Michel Foucault a pesquisa aponta que o grande investimento desses policiais em equipes de gravação, câmeras com boa qualidade de imagem, editores, efeitos e trilha sonora compõem parte do discurso, tornando-o mais atrativo para ser consumido pelas pessoas. Os policiais *youtubers* utilizam o enquadramento da câmera, a aceleração das imagens, o fundo sonoro de filme de ação e principalmente a descrição e conversa direta com o público como recurso visual e sonoro que traz para o espectador a sensação de fazer parte daquela cena. Incentivo este que chama o público para ser mais ativo em relação a temas que são debates de segurança pública. Para o inscrito é interessante sentir através do vídeo que algo está sendo feito em nome do combate ao crime.

Foucault (1981) nos apresenta a polícia não como instituição e sim como tecnologia de governo responsável por outros cuidados da vida social do indivíduo para além do patrulhamento ostensivo. Ou seja, policiais *youtubers* ocuparem outros debates que não seja sobre segurança não é uma ação inovadora, historicamente a polícia já esteve neste lugar. Assim como a motivação de indivíduos para reproduzir comportamentos de vigilância e controle no cotidiano também explica o fato de conteúdos como os dos canais policiais serem tão consumidos. São conteúdos que os colocam no lugar de ação participante no combate ao crime.

Mesmo não sendo um tema recorrente dentro das Academias de Ensino, os policiais *youtubers* já são reconhecidos pela mídia como um fenômeno presente nas redes sociais e digitais do século XXI. Porém as universidades do Estado de São Paulo reconhecem que praticamente toda mídia policiaisca utiliza em suas produções discursos punitivistas que reforçam a publicidade de políticas de Segurança Pública voltadas para o controle e extermínio das classes classificadas como perigosas em nome da defesa da sociedade. Como

foi possível analisar nos vídeos, com auxílio das obras dos autores Malaguti (2003) e Garland (2008).

A partir do ano de 2016 a criação dos canais policiais passa a ter predominância no Brasil, porém apenas alguns canais se destacam mais que os outros em perspectiva de engajamento, número de inscritos e visualizações. Através da seleção de dois perfis para estudo caso, foi possível analisar a relação dessas produções com os engajamentos. Os perfis do delegado da Cunha e do capitão Derrite foram os escolhidos. Através dos seus perfis consideramos que o formato do discurso – em relação aos temas de segurança –, a diversificação das produções e o público, podem se modificar de acordo com a força policial ao qual o criador do canal pertence. O que modifica, também, a forma que a internet recebe esses conteúdos. O delegado da Cunha se apropria mais da linguagem da *interweb*, explora os recursos sentimentais pessoais e do público, além de se propor a produzir conteúdos diversificados. Enquanto Derrite reproduz o discurso mais popular e tradicional entre a população conservadora e bolsonaristas. Ele produz os seus conteúdos pra essa camada de inscritos mais fechados entre si. Essas diferenças influenciam os números das redes sociais digitais desses dois perfis, onde o delegado da Cunha alcança mais de um milhão de seguidores enquanto o capitão Derrite possui um pouco mais da metade desses números.

O fato resultante da análise aqui apresentada é que apesar dessas diferenças os recursos punitivos continuam sendo utilizados, propagados e consumidos pela população. Se antes as pessoas assistiam determinados conteúdos com algum desconforto, agora ele é muito mais polido e fácil de ser consumido. O sucesso desses conteúdos revela um gosto das pessoas pela conduta policial, assim como sua importância política direta e indireta, revela uma conduta policial disseminada nas formas subjetivas das pessoas, o que Augusto (2009) chama de *cidadão-polícia*. A busca por meio da sensibilização em relação aos agentes, a comunicação direta e a aproximação do público por meio de interações relativizam as atrocidades filmadas em nome do combate à pessoas suspeitas e lugares classificados como redutos dos chamados criminosos. Assim como impulsiona que mais perfis como estes ocupem cargos institucionais e consiga através desse discurso criar e aprovar leis draconianas que visam a produção de massacres cotidianos voltados às populações empobrecidas do estado de São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Acácio. “A URGÊNCIA DA ABOLIÇÃO DA POLÍCIA E UMA NOTA SOBRE ANTIRRACISMO MORAL”. *IDMJR*. 2021.

Disponível em: <https://dmjracial.com/2021/04/03/a-urgencia-da-abolicao-da-policia-e-uma-nota-sobre-antirracismo-moral/>. Acesso em 08 de maio de 2023.

AUGUSTO, Acácio. *Política e polícia. Medidas de contenção de liberdade: modulações de encarceramento contra os jovens na sociedade de controle*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

BEY, Hakim. “Boicote à Cultura Policial”, in *Terrorismo poético e outros crimes exemplares*. Tradução de Patrícia Decia e Renato Rezende. São Paulo: Editora Conrad, 2003, pp. 113-116.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. (1994e) “*Omnes et singulatim*: por uma crítica da „razão política””. Tradução: Heloísa Jahn. *Novos Estudos CEBRAP*, 26, março de 1990, p.77-99

GARLAND, David. *A cultura do controle. Crime e ordem social na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

LIMA, Marcos. *POLICIAL YOUTUBER: Uma análise de vídeos publicado no Youtube por integrantes da Polícia Militar de Alagoas à luz dos conceitos de mandato policial e populismo penal*. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharel em Direito. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2022.

MALAGUTI, Vera. *O medo na cidade Rio de Janeiro: Dois tempos de uma história*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

ANEXO I

The image shows a screenshot of the YouTube channel page for 'Delegado da Cunha'. At the top, the browser address bar shows 'youtube.com/@DelegadodaCunha'. The channel banner features a police officer in uniform and the text 'DELEGADO DA CUNHA' with a logo of a stylized mask. Below the banner, the channel name 'Delegado da Cunha' is displayed along with the handle '@DelegadodaCunha', 3,69 million subscribers, and 561 videos. A description reads: 'Um canal de documentários retratando a Rotina da Policia Civil de SP no c...'. Navigation tabs for 'INÍCIO', 'VÍDEOS', 'SHORTS', 'AO VIVO', 'PODCASTS', 'PLAYLISTS', and 'COM' are visible. The 'VÍDEOS mais acessados' section shows four video thumbnails with titles like 'OPERAÇÃO POLICIAL #10: Prisão do JAGUNÇO do...', 'OPERAÇÃO POLICIAL #8: Prisão do JAGUNÇO - o...', 'OPERAÇÃO POLICIAL #32: O BUNKER do TRÁFICO com...', and 'OPERAÇÃO POLICIAL #43: CAMPANA E BOTE DE UM...'. The 'Playlists criadas' section includes 'BASTIDORES DE BRASÍLIA', 'POLÍTICA', 'Trailers', and '2023 - NOVAS OPERAÇÕES'. The 'Shorts' section features four short video thumbnails with titles such as 'Bandido NÃO PERDOA nem MULHER GRÁVIDA', 'MAIS UM CAPÍTULO DA THE WALKING DEAD SP #shorts', 'Motorista flagam bandidos fazendo arrastão em faróis...', and 'FLAGRA - LADRÃO ATRAPALHADO TENTA...'. The interface includes standard YouTube navigation icons on the left and top.

ANEXO II

The image shows a screenshot of the YouTube channel page for 'Delegado da Cunha'. The channel banner features a man in a police uniform and the text 'DELEGADO DA CUNHA' with a logo. The channel name is 'Delegado da Cunha' with the handle '@DelegadodaCunha', 3,69 million subscribers, and 561 videos. The page displays a grid of 15 video thumbnails with their respective titles and view counts.

Thumbnail Description	Title	Views	Time
Man in uniform speaking	O POLÍCIA, MÃOS PRA CIMA ERA SÓ... COM @renatocariani...	7,7 mil visualizações	1:30
Parliamentary session	BASTIDORES DA POLÍTICA #03 - Jovens engajados	4,7 mil visualizações	8:49
Man in suit speaking	BASTIDORES DA POLÍTICA #02 - Comissões	5,9 mil visualizações	8:07
Two men talking	D.E.I.C. Departamento Estadual de Investigações Criminais	7,7 mil visualizações	16:26
Man in suit pointing	É por isso que o PCC é tão FORTE - #DacunhaSincero	23 mil visualizações	1:20
Man in suit speaking	Cumprindo Promessa de Campanha SEGURANÇA PÚBLICA	11 mil visualizações	9:14
Man in suit speaking	RACISMO NA ABORDAGEM POLICIAL	6,1 mil visualizações	4:18
Man in suit speaking	BASTIDORES DE BRASÍLIA #01	6,5 mil visualizações	12:10
Man in suit speaking	MEU DISCURSO EM PLENÁRIO SOBRE A GUARDA CIVIL	13 mil visualizações	3:17
Man in uniform	VISITA "CHOCANTE" A GCM DE CAIEIRAS	13 mil visualizações	9:57
Police officers	SE CONTINUAR ASSIM, NÃO TEM VOLTA. É CADEIA!	28 mil visualizações	9:24
Man in uniform	ENTRANDO NA CASA BOMBA EM UMA ÁREA DE RISCO	156 mil visualizações	11:36
Man in uniform	PRISÃO DE GRUPO DE ESTELIONATÁRIOS	377 mil visualizações	12:05
Man in suit speaking	E OS PROJETOS PARA SEGURANÇA PÚBLICA?	13 mil visualizações	3:08
Man in uniform	RESGATANDO A EQUIPE NO MEIO DO FERVO	234 mil visualizações	11:54

ANEXO III

The image shows a screenshot of a YouTube channel page for 'Delegado da Cunha'. At the top, the browser address bar shows 'youtube.com/@DelegadodaCunha/shorts'. The channel banner features a man in a cap and uniform, with the text 'DELEGADO DA CUNHA' and a logo of a stylized mask. Below the banner, the channel name 'Delegado da Cunha' is displayed along with the handle '@DelegadodaCunha', 3.69 million subscribers, and 561 videos. A navigation bar includes 'INÍCIO', 'VÍDEOS', 'SHORTS', 'AO VIVO', 'PODCASTS', 'PLAYLISTS', and 'COM'. The main content area shows a grid of video shorts with the following titles and view counts:

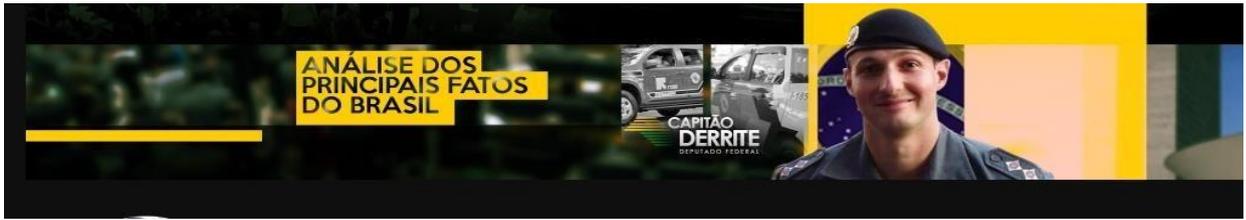
- Bandido NÃO PERDOA nem MULHER GRÁVIDA**: 7,9 mil visualizações
- MAIS UM CAPITULO DA THE WALKING DEAD SP #shorts**: 27 mil visualizações
- Motorista flagam bandidos fazendo arrastão em faróis...**: 38 mil visualizações
- FLAGRA - LADRÃO ATRAPALHADO TENTA...**: 12 mil visualizações
- CR4C0LANDIA HOJE #shorts**: 69 mil visualizações
- ELES SE EXIBEM NAS REDES COMETENDO ATOS...**: 19 mil visualizações
- TENTOU INCENDIAR LOJA DE CARROS E SE SEU MAL...**: 20 mil visualizações
- MANIPULAÇÃO DE RESULTADOS DE JOGOS...**: 40 mil visualizações
- UMA CENA QUE RESTAURA A FÉ NA HUMANIDADE -...**: 27 mil visualizações
- #shorts**: 17 mil visualizações
- A POSSE É DIA 1 DE FEVEREIRO, MAS O...**: 287 mil visualizações
- ESSA CONQUISTA É NOSSA, BRASÍLIA NOS ESPERA!...**: 46 mil visualizações

ANEXO IV

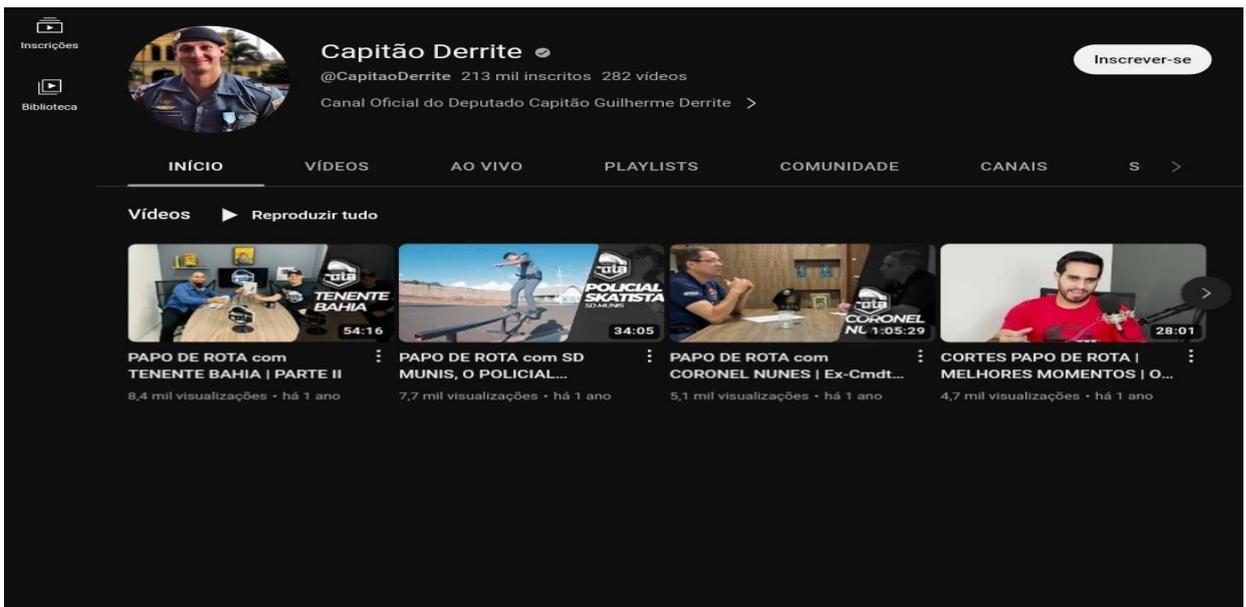
The image shows a screenshot of a YouTube channel page for 'Delegado da Cunha'. The channel is located at youtube.com/@DelegadodaCunha/streams. The channel name is 'Delegado da Cunha' with the handle '@DelegadodaCunha', 3,69 million subscribers, and 561 videos. The channel description reads: 'Um canal de documentários retratando a Rotina da Policia Civil de SP no c...'. The page features a navigation menu on the left with options like 'Início', 'Shorts', 'Inscrições', and 'Biblioteca'. Below the channel header, there are tabs for 'INÍCIO', 'VÍDEOS', 'SHORTS', 'AO VIVO', 'PODCASTS', 'PLAYLISTS', and 'COM'. The 'AO VIVO' tab is selected, displaying a grid of 15 live stream videos. Each video thumbnail includes a title, view count, and upload time. The videos cover various topics related to police work, including podcasts, updates, and specific incidents.

Thumbnail	Title	Views	Upload Time
	DEPUTADO DELEGADO DA CUNHA NO PODCAST DO RENATO CARIANI	8,2 mil visualizações	Transmitido há 7 dias
	FALTAM POUCOS DIAS PARA A POSSE, QUERO ATUALIZAR VOCÊS...	23 mil visualizações	Transmitido há 5 meses
	O DISCURSO MAIS IMPORTANTE DA MINHA VIDA, DEUS TRAZ PROPÓSIT...	945 mil visualizações	Transmitido há 9 meses
	DELEGADO DACUNHA - PCSP	29 mil visualizações	Transmitido há 9 meses
	CARREATA 1122 - DELEGADO DA CUNHA	28 mil visualizações	Transmitido há 10 meses
	LIVE DE ATUALIZAÇÃO DE PRÉ-CANDIDATURA	17 mil visualizações	Transmitido há 1 ano
	PRÉ-CANDIDATO A DEPUTADO FEDERAL - MEUS PROJETOS	47 mil visualizações	Transmitido há 1 ano
	Tudo Sobre Minha Pré Canditura	30 mil visualizações	Transmitido há 1 ano
	DORIA "RENUNCIA" CANDIDATURA	37 mil visualizações	Transmitido há 1 ano
	Novo Delegado Geral Dr. Nico	101 mil visualizações	Transmitido há 1 ano
	ACOMPANHAMENTO DO DESASTRE EM FRANCO DA ROCHA	80 mil visualizações	Transmitido há 1 ano
	A MINHA VOLTADA PARA A POLÍCIA!	96 mil visualizações	Transmitido há 1 ano
	QUEM NÃO DEVE NÃO TEME, PROCEDIMENTO CRIMINAL...	38 mil visualizações	Transmitido há 1 ano
	DE VOLTA A POLÍCIA! AGUARDANDO A MISSÃO!	344 mil visualizações	Transmitido há 1 ano
	A GUERRA DO OURO BRANCO	30 mil visualizações	Transmitido há 1 ano

ANEXO V



ANEXO VI



ANEXO VII

youtube.com/@CapitaoDerrite/videos

YouTube BR Pesquisar

ANALISE DOS PRINCIPAIS FATOS DO BRASIL

Capitão Derrite
@CapitaoDerrite 213 mil inscritos 282 vídeos
Canal Oficial do Deputado Capitão Guilherme Derrite

Inscrever-se

INÍCIO VÍDEOS AO VIVO PLAYLISTS COMUNIDADE CANAIS S >

Mais recentes Em alta Mais antigo

PAPO DE ROTA com TENENTE BAHIA | PARTE II
8,4 mil visualizações · há 1 ano

PAPO DE ROTA com SD MUNIS, O POLICIAL SKATISTA
7,7 mil visualizações · há 1 ano

PAPO DE ROTA com CORONEL NUNES | Ex-Cmdt Geral da PMDF
5,1 mil visualizações · há 1 ano

CORTES PAPO DE ROTA | MELHORES MOMENTOS | OS MAIS ACESSADOS
4,7 mil visualizações · há 1 ano

Pinotes | Melhores momentos | Papo de Rota
10 mil visualizações · há 1 ano

PAPO DE ROTA | Melhores momentos | Lições de vida
4,2 mil visualizações · há 1 ano

MOLEQUE ZOOU O POLICIAL
ELE IA DAR PEDRADA NO VIDRO | CORTES PAPO DE ROTA | TEN JOEL
1,4 mil visualizações · há 1 ano

MANDEI MOER O FILE MIGNON
Fiquei no rancho por um tempo | Cortes papo de Rota | Ten Joel
1 mil visualizações · há 1 ano

DOIS FUSCAS PARA PATRULHAR A CIDADE INTEIRA
VETERANO CONTA A REALIDADE DA PATRULHA | CORTES PAPO DE ROTA ...
1,9 mil visualizações · há 1 ano

ERA VIDRACEIRO E DECIDI SER PM
MEU IRMÃO ME INCENTIVOU | CORTES PAPO DE ROTA | TEN JOEL
804 visualizações · há 1 ano

PAPO DE ROTA com TENENTE JOEL
8,9 mil visualizações · há 1 ano

O sequestrador dormiu e as vítimas fugiram | Cortes Papo de Rota | Major...
794 visualizações · há 1 ano

ELE ESTAVA COM UM CINTURÃO DE BOMBAS
OCORRÊNCIAS COM EXPLOSIVOS | CORTES PAPO DE ROTA | MAJOR...
664 visualizações · há 1 ano

GERENCIAMENTO DE INCIDENTES
COMO É A PREPARAÇÃO NO GATE | CORTES PAPO DE ROTA | MAJOR...
1,2 mil visualizações · há 1 ano

CORREMOS OS MESMOS RISCOS JUNTOS
A gente passa mais tempo com a equipe do que com a família
593 visualizações · há 1 ano

ANEXO VIII

The image shows a screenshot of a YouTube channel page for 'Capitão Derrite'. The browser address bar shows 'youtube.com/@CapitaoDerrite/streams'. The channel name is 'Capitão Derrite' with the handle '@CapitaoDerrite', 213 mil inscritos, and 282 vídeos. The channel is described as 'Canal Oficial do Deputado Capitão Guilherme Derrite'. The page features a navigation menu on the left with options like 'Início', 'Shorts', 'Inscrições', and 'Biblioteca'. Below the channel header, there are tabs for 'INÍCIO', 'VÍDEOS', 'AO VIVO', 'PLAYLISTS', 'COMUNIDADE', and 'CANAIS'. The main content area displays a grid of video thumbnails with titles and view counts:

- COMO TORNAR-SE POLICIAL MILITAR / SP** (LIVE) - 5,7 mil visualizações - Transmitido há 1 ano
- EM INSTANTES SUPER LIVE TERRORISMO EM ARAÇATUBA** - 26 mil visualizações - Transmitido há 1 ano
- Papo de Rota com Capitão Silva Rosa e Tenente Felipe** - 106 mil visualizações - Transmitido há 1 ano
- PAPO DE ROTA ao vivo com Major Nakaharada** - 39 mil visualizações - Transmitido há 2 anos
- PAPO DE ROTA ao vivo com Major Leonardo do BOPE - RJ** - 27 mil visualizações - Transmitido há 2 anos
- PAPO DE ROTA ao VIVO** - 7 mil visualizações - Transmitido há 2 anos
- PAPO DE ROTA COM TENENTE LUCAS FRANÇA** - 25 mil visualizações - Transmitido há 2 anos

ANEXO IX

The image is a screenshot of a YouTube channel page for 'Capitão Derrite'. The browser address bar shows 'youtube.com/@CapitaoDerrite/playlists'. The channel name is 'Capitão Derrite' with the handle '@CapitaoDerrite', 213 mil inscritos, and 282 vídeos. The channel is described as 'Canal Oficial do Deputado Capitão Guilherme Derrite'. The page displays a list of playlists under the heading 'Playlists criadas'. The playlists are: 'PAPO DE ROTA - 3ª Temporada' (3 vídeos), 'PAPO DE ROTA - CORTES' (105 vídeos), 'PAPO DE ROTA - 2ª temporada' (40 vídeos), 'Política' (47 vídeos), and 'PAPO DE ROTA - 1ª Temporada' (1 vídeo). The page also features a navigation bar with 'INÍCIO', 'VÍDEOS', 'AO VIVO', 'PLAYLISTS', 'COMUNIDADE', and 'CANAIS'. A search bar at the top contains the text 'Pesquisar'.